

APARECIDA DA GRAÇA CARLOS

GRÊMIO ESTUDANTIL E PARTICIPAÇÃO DO ESTUDANTE
Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2006

APARECIDA DA GRAÇA CARLOS

GRÊMIO ESTUDANTIL E PARTICIPAÇÃO DO ESTUDANTE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob orientação do Prof. Dr. Odair Sass.

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2006**

À COMISSÃO JULGADORA

RESUMO

O presente estudo objetiva investigar a opinião dos estudantes-dirigentes do grêmio estudantil sobre a sua participação nesta agremiação, a visão deles sobre a finalidade do grêmio estudantil na escola e a relação dos dirigentes do grêmio com os colegas de classe, demais alunos da escola, professores, professor coordenador, direção escolar, funcionários da secretaria da escola e inspetores. O estudo, que foi realizado a partir da aplicação de questionário individual, através do qual foram recolhidos dados sobre o perfil pessoal e familiar dos dirigentes do grêmio estudantil, incluía exercícios de escalas de atitudes e foi aplicado em quatro escolas da rede estadual de educação do Estado de São Paulo

Por meio das escalas de atitudes, analisou-se o grau de relacionamento dos alunos com os demais setores da escola, bem como a valorização do estudante dirigente do grêmio estudantil, quanto à sua participação, além da finalidade desta agremiação no interior das escolas.

Deste modo, de posse dos questionários respondidos, os conteúdos obtidos foram por mim analisados à luz da teoria crítica da sociedade, mais precisamente dos escritos frankfurtianos de Adorno e Marcuse.

Assim sendo, as análises revelaram a eficácia da institucionalização ao erradicar o processo de construção e diálogo, esvaziando o potencial crítico, reservando a esta organização um espaço quase exclusivamente voltado para a sociabilidade dentro da escola, seja quanto ao entretenimento, seja quanto às demandas materiais.

Palavras-Chave: Participação – grupos de pressão – semiformação – emancipação.

ABSTRACT

The present dissertation aims to investigate the opinion of the “Grêmio Estudantil” leaders about their participation in this school association as well to know what they think about the main purpose of this association at school and also to discuss the relationship between these leaders and their classmates, the teaching staff, the headmaster and all the other people who work at the school.

A list of questions to be individually answered allowed me to collect statistics and at the same time to deal with scale of attitude tests.

The questionnaire was got in four public schools of the state of São Paulo and collected information not only about the family of the “Grêmio Estudantil” leaders but also about the finality of this school association among the students.

The answers were analysed according to the society critic theory, written by Adorno and Marcuse.

The analyses showed that the efficacy of the institutionalization has contributed to a gradual decrease in the maintenance of different dialogues at school and has weakened, on the other hand, the critical potential of the students, what restrict the participation of members of the “Grêmio Estudantil” to activities that involve sociability, leisure and requests of repairs in the school building.

Key words : participation - pressure groups - semiformation - emancipation

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a meus filhos Luana, Lukas e Cecília e aos amigos Katsue, Antônio Cláudio, Juvenal, Eduardo e família.

AGRADECIMENTOS

São inúmeras as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu pudesse vencer mais uma etapa de minha formação. Sou incapaz de me lembrar de todos os nomes, mas mesmo assim, gostaria de deixar registrados meus agradecimentos

ao Professor Odair Sass, meu orientador, pela paciência, compreensão e rigor em suas orientações;

ao professor José Leon Crochik, que, por meio de suas aulas fez com que eu compreendesse as minhas limitações, mostrando-me que é possível e necessário tentar superá-las;

ao professor Paulo Albertini, membro da banca do exame de qualificação desta Dissertação juntamente com o professor José Leon Crochik, pelas sugestões e questões levantadas;

à Betinha, secretária do programa EHPS, sempre atenciosa e acolhedora;

à Direção, aos professores e aos funcionários das escolas estudadas;

aos alunos das referidas escolas, pela paciência e disponibilidade em responder ao questionário de pesquisa;

à minha amiga Katsue, sempre disposta a me ouvir, ajudar e incentivar;

aos meus amigos Eduardo, Juvenal, Antônio Cláudio, Robertão e Pedro, que não mediram esforços para que eu pudesse concluir este estudo;

aos amigos e “chefes” Sérgio e Neide que me apoiaram e torceram por mim;

às amigas Conceição, Sueli, Neilyane, Olga e Mary que, apesar de não se conhecerem, me conhecem muito bem;

ao meu amigo Ronaldo, companheiro de sala de aula e de angústias que vivenciamos nesta jornada;

à minha família, meus pais, irmãos que não tiveram a mesma oportunidade que eu, e que sempre encontraram uma forma de me incentivarem, não deixando que eu desistisse no meio do caminho;

à minha amiga e funcionária Penha, que, com muito carinho,
cuida dos meus filhos e de mim;

aos meus filhos: Luana, Lukas e Cecília que são, hoje, a minha
razão de viver e de continuar lutando por um mundo justo e humano.

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo I – O papel do Grêmio Estudantil na formação do aluno	25
1.1 A escola e a cultura.....	25
1.2 A legislação e o grêmio estudantil	27
1.3 Educação escolar e teoria crítica	30
Capítulo II – Participação do aluno no grêmio estudantil	35
2.1 Procedimento para coleta de dados.....	35
2.2 O instrumento de pesquisa: questionário.....	37
2.3 Do local da pesquisa.....	39
2.4 Primeira fase da pesquisa.....	44
2.5 Característica do perfil social e econômico do dirigente do grêmio estudantil.....	50
2.6 Participação do aluno no grêmio estudantil segundo sua opinião pessoal.....	56
2.7 Relação pessoal dos componentes da diretoria do grêmio estudantil com os colegas de classe e demais colegas de escola, professores, professores coordenadores, direção escolar e funcionários.....	64
Conclusão	79
Referências Bibliográficas	82
Anexos:	
Anexo I: Questionário	84
Anexo II: Relatório de pesquisa.....	98
Anexo III: Documento: Diário Oficial sobre o Bônus Mérito.....	114
Anexo IV: Critério de Classificação Econômica Brasil.....	124

LISTA DE QUADROS, TABELAS E ESCALAS

Quadro 2.1	
Escolas que compõe a mostra deste estudo segundo localização, tamanho, período de funcionamento e graus de ensino.....	41
Quadro 2.2	
Pontuação de corte no Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), 2.003.....	51
Tabela 2.1	
Total de alunos entrevistados entre os anos 2005 e 2006 e seu respectivo período.....	42
Tabela 2.2	
Escola da mostra do estudo segundo modalidade de ensino, turno e número de alunos.....	47
Tabela 2.3	
Escolas da mostra segundo número de professores e funcionários.....	48
Tabela 2.4	
Caracterização pessoal dos estudantes dirigentes do grêmio estudantil.....	49
Tabela 2.5	
Condições de vida familiar dos alunos dirigentes do grêmio estudantil quanto à moradia.	51
Tabela 2.6	
Condições de vida familiar dos integrantes do grêmio estudantil quanto ao tipo de trabalho exercido pelo pai.....	53
Tabela 2.7	
Condições de vida familiar dos integrantes do grêmio estudantil quanto ao tipo de trabalho exercido pela mãe.....	53
Tabela 2.8	
Condições de vida familiar dos integrantes do grêmio estudantil quanto à renda familiar.....	54
Tabela 2.9	
Total de pontos adotados pelo Critério de Classificação Econômico Brasil (CCEB), 2003, para os itens de bens de consumo e grau de escolaridade do chefe de família de acordo com os dados levantados pelo questionário aplicado aos estudantes dirigentes do grêmio estudantil (vide anexo II e IV).....	55

Tabela 2.10

Participação do aluno no grêmio estudantil segundo o que lhe traz satisfação ao participar da diretoria da agremiação.....60

Tabela 2.11

Participação do aluno no grêmio estudantil segundo o que lhe traz insatisfação ao participar da diretoria da agremiação.....62

Escala 2. A

Participação dos dirigentes no grêmio estudantil (avaliação pessoal dos dirigentes do grêmio estudantil – total geral).....56

Escala 2.B

Opinião dos estudantes dirigentes do grêmio estudantil das três escolas estudadas quanto à sua participação na agremiação e que responderam ao questionário no primeiro semestre de 2006.....58

Escala 2.C

Opinião dos estudantes dirigentes do grêmio estudantil das três escolas estudadas quanto à sua participação na agremiação e que responderam ao questionário no primeiro semestre de 2006.59

Escala 2.D

Relacionamento do aluno dirigente do grêmio estudantil com os colegas de classe e demais colegas de escola (total das quatro escolas).64

Escala 2.E

Relacionamento do aluno membro do grêmio estudantil com os colegas de classe e demais colegas de escola (alunos que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006):.65

Escala 2.F

Relacionamento do aluno membro do grêmio estudantil com os colegas de classe e demais colegas de escola (alunos que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005)66

Escala 2.G

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com os professores da escola (total dos estudantes das quatro escolas pesquisadas).67

Escala 2.H

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com os professores da escola (total dos estudantes que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006).....68

Escala 2.I

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com os professores da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005).....69

Escala 2.J

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com o professor coordenador (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005 e 1º semestre de 2006).....70

Escala 2.L

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com o professor coordenador da escola (estudantes que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006)71

Escala 2.M

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com o professor coordenador da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005)72

Escala 2.N

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com a direção da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005 e 1º semestre de 2006)73

Escala 2.O

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com a direção da escola (estudantes que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006)..... 74

Escala 2.P

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com a direção da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005).....75

Escala 2.Q

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com funcionários da secretaria e inspetor da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005 e 1º semestre de 2006)76

Escala 2.R

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com funcionários da secretaria e inspetor da escola (estudantes que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006)77

Escala 2.S

Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com funcionários da secretaria e inspetor da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005)78

SIGLAS

ABA- Associação Brasileira de Anunciantes

ABIPEME – Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado

AC – Ação Católica

ANEP – Associação Nacional de Empresas de Pesquisa

APEOESP – Associação dos Professores da Rede Oficial do estado de São Paulo

ATP – Assistente Técnico Pedagógico

CCE – Centro Cívico Escolar

CCEB – Critério Classificação Econômica Brasil

CNMC – Comissão Nacional de Moral e Civismo

COHAB – Conjunto Habitacional

CPCs - Centro Populares de Cultura

CR – Conselheiro Regional

DE – Diretoria de Ensino

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EM – Ensino Médio

EMC – Educação Moral e Cívica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JEC – Juventude Estudantil Católica

LDBEN – Lei de Diretrizes e Base do Ensino Nacional

OLP – Organização nos Locais de Trabalho

PEB I – Professor de Educação Básica do Ensino Fundamental Ciclo I

PEB II - Professor de Educação Básica do Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio

RE – Representante de Escola

SEESP – Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

UBES – União Brasileira de Estudantes Secundaristas

UEEs – Uniões Estaduais dos Estudantes

UNE – União Nacional dos Estudantes

INTRODUÇÃO

Minha atuação profissional no magistério público do Estado de São Paulo e a militância no sindicato da referida categoria, desde o início da década de 1980, possibilitaram-me acompanhar o processo de redemocratização do Brasil, especialmente na instituição escolar, tanto em termos de legislação como no que se refere ao esforço para viabilizar a concretização de mudanças no interior das unidades escolares, atuando eu mesma como membro do conselho de escola, representante de escola¹ e conselheira regional².

As principais mudanças legais a que me refiro são a criação do *Conselho de Escola Deliberativo*³ (Lei Complementar federal: 444/85 artigo 95) e do Grêmio Estudantil⁴ (Lei Federal nº 7.398 de novembro de 1985). Este último, ao entrar em vigor, extinguiu os Centros Cívicos escolares que haviam sido instituídos pelo regime militar, no governo de Emílio G. Médici⁵.

Essas conquistas democráticas demandaram muitas lutas, não só no Congresso Nacional, para serem aprovadas, mas também no interior das escolas, para que pudessem ser implantadas.

Quanto ao grêmio estudantil, foram necessários comunicados⁶ da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, no ano de 1986, solicitando aos diretores de

¹ O representante de escola é o associado do sindicato eleito pelos professores em cada unidade escolar, compondo a Organização nos Locais de Trabalho (OLP) da APEOESP (Associação dos Professores da Rede Oficial do Estado de São Paulo).

² Os conselheiros regionais são eleitos a cada dezoito meses entre os sócios vinculados à Subsede Regional. Para candidatar-se, é necessário ser sócio do sindicato há seis (6) meses e estar em dia com suas contribuições.

³ Lei Complementar 444/85: O Conselho de Escola, de natureza deliberativa, é eleito anualmente durante o primeiro mês letivo, presidido pelo Diretor da Escola, tendo um total mínimo de 20 (vinte) e máximo de 40 (quarenta) componentes, fixado sempre proporcionalmente ao número de classes do estabelecimento de ensino.

⁴ Lei nº 7.398, de novembro de 1985: dispõe sobre a organização de entidades representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências.

⁵ A Instituição do Centro Cívico Escolar foi promulgada pelo decreto federal nº 68.065/71, especificando em seu artigo 32: “nos estabelecimentos de qualquer nível de ensino, públicos e particulares será estimulada a criação do Centro Cívico, o qual funcionará sob assistência de um orientador, elemento docente designado pelo diretor do estabelecimento e com diretoria eleita pelos alunos, destinada à centralização, no âmbito escolar, e à irradiação, na comunidade local, das atividades de educação moral e cívica, e a cooperação na formação ou aperfeiçoamento do caráter do educando”.

⁶ Cf. o comunicado de 26/09/1986, do secretário da Educação José Aristodemo Pinotte. Em

escola, delegados de ensino e todos os elementos pertencentes ao Conselho de Escola que divulgassem aos alunos a referida lei (Lei Federal nº 7.398, de novembro de 1985). Além dos comunicados expedidos pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES)⁷ tentava fazer-se presente, percorrendo as escolas, procurando reunir os estudantes, dando-lhes ciência da nova legislação, na tentativa de reorganizar os alunos. A atuação da entidade estudantil, no entanto, era vista de maneira negativa por parte dos diretores de escola:

Os diretores viam que seu espaço estava sendo invadido e sentiam-se ameaçados; passam, então, a pressionar o secretário da educação, que termina por publicar um novo comunicado, proibindo a entrada nas escolas das entidades estudantis (Pescuma, 1990, p. 67).

A decisão da entrada ou não das entidades estudantis nas unidades escolares fica, a partir de então, a critério da direção da escola. Criada a cisão entre escola e entidades estudantis, a LDBEN 9.394, de 20 de dezembro de 1996 reafirma: “cabe à direção escolar criar condições para a organização dos alunos no grêmio estudantil”.

Para confirmar a fragilidade que cercava os grêmios estudantis, cabe citar a pesquisa de mestrado, elaborada no final da década de 1980, por Derna Pescuma (1990), acima referida, a qual conclui que, apesar do apoio legal, em fins dos anos 1980, os poucos grêmios existentes não contaram com a participação intensa dos alunos, e atribui esta *não-participação* às relações existentes no interior da escola que, segundo a autora, são *centralizadoras e autoritárias*.

Para entendermos tais relações, seria importante destacar a função inercial que caracteriza a instituição escolar. Nela, os papéis estão cristalizados numa relação de autoridade que é dada, em última instância, pelo conhecimento privado dos professores e que deve “iluminar” os alunos. Independe da qualidade desse conhecimento o efetivar-se da relação autoritária, assim como indene da autonomia do professor a continuidade da relação.

seguida, houve o comunicado de 28/11/1987, no Diário Oficial do Estado, reportando-se ao comunicado de 26/09/1986 e reiterando a solicitação das autoridades responsáveis para a “ampla divulgação e cumprimento do mesmo, determinando ainda que as cópias das atas de implantação dos grêmios fossem enviadas à Delegacia de Ensino”.

⁷ A UBES foi fundada em julho de 1948.

A principal referência que serve de base para a composição do presente trabalho vem da Escola de Frankfurt, principalmente pela tese de que a instituição escolar, na contemporaneidade, tem se tornado um instrumento de manutenção do *status quo*. Com efeito, afirma Marcuse:

Independência de pensamento, autonomia e direito à oposição política estão perdendo sua função crítica básica numa sociedade que parece cada vez mais capaz de atender às necessidades dos indivíduos através da forma pela qual é organizada. Tal sociedade pode, justificadamente, exigir a aceitação dos seus princípios e instituições e reduzir a oposição à discussão e promoção de diretrizes alternativas dentro do *status quo* (Marcuse, 1967, pp.23-24).

Desse modo, embora possa haver avanço na legislação, a estrutura da escola permanecendo rígida, caso haja discussões, elas estarão sempre circunscritas à própria continuidade da instituição.

O problema reside justamente no aprimoramento de um discurso da autoridade, numa crise que nesse período ora estudado coincidia com as demandas de redemocratização do Estado e de crítica ao autoritarismo experimentado nos vinte anos anteriores.

Tal discurso, então, necessitava ser explicitado como democrático, transcrito por lei que incluísse no interior da escola esferas de debate participativo, tais como o grêmio estudantil e o conselho deliberativo.

Contudo, tais esferas deveriam manter-se na lógica da perpetuação da sociedade autoritária e centralizada. Para tanto, fez-se necessário reforçar as estruturas inerciais de poder no interior da instituição.

Daí que as diretrizes para a formação dessas esferas na instituição ficarão a cargo das relações centralizadas na figura da direção escolar.

Esta constatação nos leva a refletir sobre o papel da política na atual sociedade capitalista. Apesar das conquistas estabelecidas em lei, as ações a elas associadas visando a emancipação e a autonomia permanecem no plano formal, ou seja, cumprem a sua função ideológica.

É novamente Marcuse quem afirma:

A democracia de massa fornece os apetrechos políticos para efetuar-se essa introjeção do Princípio de Realidade; não só permite às pessoas (até um certo ponto) escolherem seus próprios senhores e amos, e

participarem (até um certo ponto) no Governo que os governa, como também permite aos senhores e amos desaparecerem por trás do véu tecnológico do aparelho produtivo e destrutivo que a eles controla, e esconderem o preço humano (e material) dos benefícios e conforto concedidos àqueles que colaboram. O povo, eficientemente manipulado e organizado, é livre; a ignorância e a impotência, a heteronomia introjetada, é o preço de sua liberdade (Marcuse, 1999, p.14).

Assim, a organização de grêmios estudantis, na forma como está instituída hoje, na maioria das escolas, não foge deste controle e manipulação, mas, caso os grêmios ousem ir além, outros aparatos externos são acionados, com vistas a dificultar sua ação. Assim, o relato a seguir deverá exemplificar a ação de um dos aparatos externos.

Como disse no início desta introdução, minha atuação profissional no magistério público estadual foi de muita valia para o estabelecimento do meu escopo de trabalho. Assim sendo, na segunda metade da década de 1990, desempenhando a função de ATP (Assistente Técnico Pedagógico) de História (Região da Grande São Paulo, Diretoria Regional de Ensino de Itapevi), coordenei durante seis semestres, de abril de 1998 a novembro de 2000, um projeto direcionado aos grêmios estudantis. Um dos principais objetivos era estabelecer um elo entre alunos participantes de grêmios (oficializados ou não), entidades estudantis municipais, estaduais, professores, direção de escola e Diretoria de Ensino, por meio de encontros. Essas reuniões começaram com discussões que diziam respeito aos projetos dos grêmios estudantis dentro das Unidades Escolares, esclarecimentos quanto à formação e à legislação referente aos grêmios. Em princípio, as reuniões eram mensais; a partir do 4º semestre, quinzenais. Como eram abertas à participação das entidades estudantis organizadas e aos professores, as discussões começaram a extrapolar as questões internas das escolas, passando a incluir questões sociais e políticas mais abrangentes. Lideranças políticas conservadoras da região também enviavam seus representantes, pois uma boa parcela de eleitores jovens estava discutindo política.

Por motivos que não cabe aqui discutir, a dirigente regional de ensino, que apoiava e acompanhava o projeto direcionado aos grêmios estudantis das escolas pertencentes à Diretoria de Ensino da Região de Itapevi, foi afastada do cargo, e o projeto extinto pelo dirigente recém-nomeado.

Essas intervenções, aliadas ao discurso sobre a formação crítica e autônoma do aluno e o reconhecimento legal do grêmio a par do incentivo controlado,

concorreram para que se centrasse a preocupação deste trabalho em estudar os grêmios estudantis nas escolas do Estado de São Paulo. Meu escopo se traduz na tentativa de investigar a participação dos jovens nesta entidade escolar, buscando, assim, elementos que apontem para a visão, a perspectiva e a dinâmica de sua organização.

Tomem-se como exemplos os projetos políticos pedagógicos das escolas da rede estadual, principalmente aqueles elaborados no decorrer da década de 1990 e início da década de 2000. Com raras exceções, eles defendem que um dos objetivos principais da educação é a *formação de cidadãos críticos e atuantes na sociedade*. Contudo, uma vez que as tentativas de organização levadas a efeito pelos estudantes são manipuladas, como apontado anteriormente, esses objetivos apresentados de maneira formal tornam-se inviáveis na prática.

Além da legislação implementada na década de 1980, que assegura a legalidade do “grêmio estudantil” (Lei federal nº 7.398, de novembro de 1985), atualmente existe, por parte da SEESP (Secretaria de Educação do Estado de São Paulo), a determinação para que haja uma vinculação expressa entre a existência dessa instância estudantil dentro das escolas e o Bônus Mérito⁸ (que constitui vantagem pecuniária a ser concedida uma única vez no ano, aos integrantes das classes docentes ocupantes de cargo ou função-atividade do Professor de Educação Básica I, de Professor de Educação Básica II e de Professor II, em exercício nas unidades escolares e órgãos da estrutura básica da Secretaria de Estado da Educação).

Essa determinação (vinculação de bônus mérito à existência de grêmio estudantil na unidade escolar), aparentemente positiva, tem levado diretores de escola a induzir os alunos a formarem as agremiações dentro dos prazos estipulados pelas Diretorias de Ensino e Secretaria de Educação do Estado, segundo decreto nº 48.486 de fevereiro de 2004, artigo 4º, inciso II, b, que decreta:

b) ações desenvolvidas pela escola no ano letivo de 2003 – indicador será traduzido em uma escala de 1 (um) a 5 (cinco) pontos e aferido mediante aplicação da Tabela 3 do Anexo I deste decreto, considerando:

1- existência de grêmio estudantil, desde que a última eleição tenha ocorrido entre 10 de fevereiro de 2003 e 31 de maio de 2003, com base em informações fornecidas pelo Dirigente Regional de Ensino (D.O.10/02/2004, Anexo III).

O Bônus Mérito foi instituído pelo Decreto nº 48.486/2004, que regulamenta, define critérios para concessão do Bônus aos integrantes do Quadro do Magistério e

⁸ Ver anexo deste trabalho.

dá outras providências (cf. DOE – 10/02/2004, Lei complementar nº 948/2003). A estipulação do prazo faz com que o processo de discussão seja precipitado, não havendo orientações mais precisas para o corpo discente como um todo a respeito do que venha a ser um grêmio estudantil. Na maioria das escolas não há a formação de um colegiado (representantes de alunos de todas as salas e períodos) para conduzir o processo preliminar de formação de comissão eleitoral, inscrição de chapas e eleição do grêmio. O processo é feito de forma tumultuada, visando o cumprimento do decreto supra citado, e, com isto, vemos formações de grêmios estudantis que praticamente representam apenas uma pequena parcela dos alunos da escola, pois formam sua chapa com integrantes de uma mesma série de uma mesma sala (exemplo da escola D dessa pesquisa). Quando o processo não é devidamente cuidado, as conseqüências prejudiciais para a gestão do grupo eleito já são previsíveis: por não contemplarem estudantes de outras classes e de outros períodos na composição das chapas e nem mesmo no processo eleitoral, o grau de articulação dos projetos é minimizado.

No que se refere à definição do *grêmio estudantil* com relação à legislação, convém dizer que ele é apresentado ora como uma *instituição*, ora como uma *entidade*. Antes de recorrermos a alguns fatos históricos, procuraremos analisar qual o significado das palavras *instituição* e *entidade* no contexto da legislação sobre o grêmio estudantil.

Começando pela legislação mais atual que diz respeito ao grêmio estudantil como instituição, vamos encontrar este conceito na LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), lei federal 9394/96. A partir dela, está garantida a criação de pelo menos duas *instituições* na escola: a *associação de pais e mestres* e o *grêmio estudantil*.

Vale lembrar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional demorou quase dez anos para ser aprovada, passando desde 1988 por várias revisões e reformas. Quando iniciou-se no Congresso Nacional a discussão sobre ela (1988), o processo de redemocratização no Brasil ainda não estava consolidado (em 1989 é que se deram as eleições diretas para presidente, após os 20 anos de ditadura militar, 1964 - 1984). A LDBEN é aprovada em 1996, quando os movimentos políticos já não são os mesmos da década de 1980. Assim, com o processo democrático 'consolidado', o espírito da lei vem para legitimar apenas o sistema.

A palavra *instituição* é originária do latim: *institutio, institutionis*⁹, que quer dizer ato de instituir, criar, estabelecer; ou associação ou organização de caráter social, educacional, religioso, filantrópico. Da perspectiva sociológica, é uma estrutura social básica com caráter de relativa permanência e identificável pelo valor de seus códigos de conduta, alguns deles expressos em leis.

A base de uma instituição são as normas sociais. Segundo, Johnson (1967):

Diz-se que uma norma social é institucionalizada num determinado sistema social, quando satisfaz três condições:

- 1- Um grande número de membros do sistema social aceita a norma.
- 2- Muitos dos que aceitam, fazem-no seriamente. Em termos psicológicos, eles a *interiorizam*.
- 3- A norma é sancionada. Isto quer dizer que se espera que ela oriente certos membros do sistema, em circunstâncias apropriadas (Johnson, 1967, p. 23).

A instituição opera com limites próprios, o que significa dizer que ela conta com atribuições de poder tanto internas como no que se refere a outras instituições a ela subordinadas ou que com ela estabelecem conexões. É, pela sua natureza, produtora de desigualdade; portanto, de hierarquia.

A instituição se constitui como tal quando a estrutura social básica tem uma relativa permanência e se refere a regras e procedimentos dos diversos grupos que a compõem. São exemplos de instituições: a família, a igreja, o exército e a burocracia do Estado. A escola, dessa perspectiva, seria uma instituição importante na reprodução da ordem social. Segundo Durkheim:

Todas as práticas educativas resultam da ação exercida por uma geração sobre a seguinte. É um conjunto de práticas, de modos de se fazer, de costumes, que constituem fatos perfeitamente definidos, com a mesma realidade de outros *fatos sociais* (Durkheim, 1978, p.10).

Na visão deste autor, o fato social está ligado às funções sociais que são complementares. Assim sendo, a escola é uma instituição social cuja função é a de reproduzir e perpetuar o sistema no qual está inserida. As outras instituições seguem este mesmo caminho. Sob esta ótica, a função social, para Durkheim (1978, p.15), é imutável: "(...) da mesma forma que é impossível a um organismo vivo ter outros órgãos e outras funções senão os que estejam implicados em sua constituição". É impossível discordar do autor quanto à sua tese de que as práticas educativas

⁹ QUICHERAT, L. e SARAIVA, F. R. S. **Novíssimo dicionário latino-português. Etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc.** Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000, p. 619.

resultam da ação exercida por uma geração sobre a seguinte, já que o papel da instituição é a reprodução da sociedade; muito embora as relações sociais sejam, por vezes, propositivas de ações transformadoras, a instituição encetará mediações capazes de cooptar tais ações, reconfigurando-as. O exemplo desta “ação” que podemos chamar de “mediação”, segundo Adorno (2003, p. 25) pode reproduzir o sistema tal e qual se apresenta, dando a aparência de transformação. Tal movimento, contudo, não pode ser encarado apenas numa direção: tanto pode funcionar como permanência, quanto como ruptura, na medida em que os indivíduos “apreendem”, pela experiência, novos níveis de conscientização que podem realmente levar a transformação para instâncias de ruptura.

Marcuse nos lembra que:

Esta ideologia apresenta o *continuum* histórico de repressão e agressão como uma lei da natureza. Contra esta ideologia, insisto que não existe algo como uma natureza humana imutável. Além e acima do nível animal, os seres humanos são maleáveis, corpo e mente, até mesmo em sua própria estrutura pulsional. Homens e mulheres podem ser computadorizados, transformando-se em robôs, sim – mas eles podem se recusar a isso. (Marcuse, ano, p.155)

Acreditando nesta recusa e na luta contra esta idéia de que a repressão e a agressão fazem parte de um *continuum* histórico (sendo, portanto, imutáveis) é que procuramos analisar o espírito da legislação quando se refere ao grêmio estudantil. Como uma instituição, este grupo, existindo dentro das unidades escolares, tem tudo para reproduzir o sistema, mas também pode se recusar a isto.

Mas, enquanto a LDBEN (1996) refere-se ao grêmio como uma instituição, a lei federal 7.398 (1985), que reabilita a formação de grêmios estudantis nas escolas, refere-se ao grêmio estudantil como uma *entidade*.

Embora instituição e entidade tratem de organizações sociais, com relação à palavra *entidade*, refere-se a uma reunião de pessoas, mas de maneira mais específica, pressupondo *atividades de um grupo* de indivíduos com objetivos comuns, envolvidos num processo de interação mais ou menos contínuo, que podem fazer parte de organizações chamadas de “grupos de pressão” (Johnson, 1967, p.400). Assim, os chamados “grupos de pressão” têm como finalidade principal influenciar o governo ou o poder estabelecido em benefício de algum interesse ou meta (Johnson, 1967, p.400), transcendendo, assim, os constrangimentos das instituições.

As lutas desenvolvidas por indivíduos reunidos e organizados em grupos de pressão manifestam-se por diversas instâncias: sindicais, estudantis, de bairros, com

a finalidade de minimizar as injustiças sociais, procurando, por meio das leis e para além delas, estabelecer seus direitos, lutando para que a *razão social* se transforme em *força social*.

Quanto ao caso mais específico dos grêmios estudantis, eles podem tanto exercer suas atividades como instituição, reproduzindo as hierarquias sociais, quanto como grupo de pressão, forçando a instituição escolar a reconhecer espaços legítimos de luta e confronto necessários às mudanças.

O espírito da lei que reinaugura os grêmios em meados da década de 1980, esteve inicialmente mais aliado ao sentido dos grupos de pressão, fazendo parte de um movimento maior em nosso país, que é o processo de redemocratização (final da ditadura militar, campanha por eleições diretas para Presidente da República, luta para elaboração de uma nova constituição para a nação). A Lei Federal nº 7.398, de 4 de novembro de 1985, assegura a organização de grêmios estudantis como entidades autônomas representativas dos estudantes, em qualquer escola do país, seja ela pública ou particular.

Segundo Pescuma (1990), inúmeras resistências abortaram o espírito inicial de atuação política dos grêmios, conferindo-lhes cada vez mais uma aparência institucional (vide página 15). O caso ora estudado, que resgata o movimento dos alunos de Itapevi e Jandira, em sua luta para expandir esse papel, configurando-se como grupos de pressão na dinâmica de forças que atuaram entre os anos de 1998 a 2000 (vide página 17 e 18), possibilita que enunciemos alguns questionamentos orientadores da pesquisa: qual o papel do grêmio estudantil hoje? Como os membros dos grêmios entendem a “participação” (em grau e qualidade)? Isso nos leva aos seguintes objetivos:

1. estudar a finalidade da organização estudantil dentro das unidades escolares, de acordo com a perspectiva dos alunos, avaliando sua participação no grêmio e sua relação com os demais alunos, professores, funcionários, diretores de escola;
2. buscar elementos que possam indicar qual o grau de influência da agremiação estudantil na formação do aluno e que possibilidades de experiência formativa esta instituição pode proporcionar aos seus membros e a comunidade escolar.

Tais objetivos podem ser especificados segundo as seguintes hipóteses:

1. o grêmio estudantil, nos termos em que existe, tem servido mais para controlar, adaptar e conformar os indivíduos, do que estimular o

potencial crítico dos estudantes nas entidades escolares. A educação escolar não tem como objetivo primordial educar para a emancipação; com isso, as formas de atuação, ou seja, as formas de participação dos educandos, são reduzidas à conformidade a normas institucionalizadas e “dirigidas de fora”;

2. do ponto de vista do aluno, o grêmio estudantil se apresenta de forma fragmentada (falta de um organismo que os coordene e ausência de plataformas de lutas), e, apesar de conter elementos potencialmente críticos, é minimizada como uma instância formadora da consciência social.

A exposição da pesquisa está organizada em dois capítulos: o primeiro se subdivide em três itens: 1.1 Escola e Cultura; 1.2 A Legislação e o Grêmio Estudantil; 1.3 Educação Escolar e a Teoria Crítica.

No item 1.1, A escola e a Cultura, analisamos o conceito de cultura, apontando a sua singularidade em relação ao local em que a observamos e procurando estabelecer relação com os conceitos de centro e periferia. O item 1.2, A Legislação e o Grêmio Estudantil, trata da legislação referente ao grêmio estudantil e ao contexto de sua implementação. Para tanto, recorreremos a alguns fatos históricos decisivos para o desenvolvimento da pesquisa. No item 1.3, Educação Escolar e Teoria Crítica, observamos a relevância ocupada pela instituição escolar no processo de formação do indivíduo e as possibilidades de uma educação para emancipação através da crítica permanente com relação ao progresso material e à regressão da consciência dos homens.

No segundo capítulo, analisa-se a participação do aluno no grêmio estudantil, com a aplicação de um questionário junto aos membros da diretoria do grêmio estudantil de sua escola. O questionário visa à coleta de informações ou de opiniões desses alunos (como vivem, com quem convivem, onde elaboram o seu conhecimento), além de uma avaliação sobre o grêmio estudantil (o que é, qual a finalidade, como atua), sobre a relação dos dirigentes do grêmio estudantil com os demais alunos da escola, professores, professores coordenadores, direção escolar e funcionários da secretaria da escola e inspetores de alunos.

São quatro as escolas que compõem a pesquisa. A média de alunos que compõem uma diretoria de grêmio estudantil é de dez a quinze integrantes. Portanto, o número previsto de alunos para aplicação do questionário estava entre 40 e 60. Conseguimos que 39 alunos dirigentes das diretorias do grêmio estudantil das quatro escolas estudadas respondessem ao questionário.

**CAPITULO I: O PAPEL DO GRÊMIO ESTUDANTIL NA
“FORMAÇÃO” DO ALUNO**

A escola é um espaço privilegiado tanto para reprodução da sociedade tal qual está consolidada, como para o desenvolvimento de um potencial de formação para a emancipação. Neste capítulo, procuraremos observar a importância da tomada de consciência por parte dos mediadores sociais, principalmente aqueles que atuam diretamente na educação escolar. Outro objetivo é tomar ciência das leis e fazer com que as mesmas se tornem um instrumento favorável na busca de uma formação emancipadora.

1.1 A escola e a cultura

O termo **cultura** possui um campo semântico muito complexo, indo desde a analogia com “cultivo” de produtos agrícolas ou de rebanhos (gênese do termo), até mais recentemente, no século XVIII, enquanto sinônimo de cultivo ativo da mente, como se encontra na expressão “homem culto” (Willians, 1992, p.10). Segundo Willians, cultura é uma:

...configuração ou generalização do “espírito” que informava “modo de vida global” de determinado povo. Herder (1784-1791) foi o primeiro a empregar o significativo plural, “culturas”, para intencionalmente diferenciá-lo de qualquer sentido singular ou, como diríamos hoje, unilinear de “civilização” (Willians,1992, p.10).

Nesse mesmo sentido, Costa (1992), ao discutir mais contemporaneamente os imbricamentos entres os mesmos termos, afirma:

No capitalismo avançado, mostraram os frankfurtianos, a cultura vem sendo absorvida pela civilização. Ou seja, a esfera de valores (cultura) tende a desaparecer, tragada pelo mundo da necessidade, da produção e reprodução materiais (civilização) (Costa, 1992, p. 76).

Disso se segue que, embora haja oposição entre os dois termos, estes não serão necessariamente excludentes. Se quando tratamos de “civilização” somos obrigados a pensar nas instituições que configuram sua reprodução, ao tratarmos de “cultura” operaremos num sentido que pode conter interferências institucionais (cultura de massa), mas, devemos admitir a existência de espaços singulares para

lutas sociais de confronto, como é o caso dos grupos de pressão (vide página 21). Como vimos, estes grupos possuem uma atuação mais localizada e específica, com a finalidade de minimizar as injustiças sociais. Portanto, são localizados e lutam por condições objetivas de existência.

Ao centrarmos nosso estudo em escolas da Rede Pública do Estado de São Paulo, procuramos estabelecer conexões entre centro e periferia, entendendo que as peculiaridades do entorno e das características próprias de sua inserção interferem quer nos resultados formativos quer nas expectativas dos alunos.

Partimos do pressuposto legal, expresso na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, capítulo III, que trata da educação, da cultura e do desporto. Na seção I, “*Da educação*”, artigo 206, prescreve-se que o “ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para acesso e permanência na escola; e (...) VII – garantia de padrão de qualidade”. Veremos que, dependendo da localização, os princípios aos quais a legislação se refere são interpretados e postos em prática de maneiras diferenciadas. O que vem a ser, por exemplo, a garantia de padrão de qualidade? Se partimos apenas da constatação superficial e aparente das condições estruturais das escolas, poderemos notar que, sob o comando de uma mesma legislação, este ‘padrão de qualidade’ vai desde escolas funcionando em prédios suntuosos até a escola de latão. Ou, ainda, escolas que funcionam desde o ciclo I, com pelo menos dois especialistas por classe, até as áreas rurais, onde ainda funcionam as escolas multi-seriadas em que um professor atende, numa mesma sala e período, alunos de séries diferentes.

Segundo Sogame (2001), a diferenciação dos lugares no interior das cidades, não tem nada de acidental. Ela resulta de um processo historicamente determinado que se revela em sua maior plenitude no moderno sistema econômico, principalmente a partir do advento da indústria moderna. Leia-se:

É a natureza dessa trama distendida, de densidades múltiplas – que combina concentração com descentralização, localizações com fluxos, imóveis com acelerados e diversos ritmos de mobilidade no interior dos espaços urbanos – que redefinem o par centro/periferia a partir da constatação de que há várias centralidades em definição e diferentes periferias em constituição (Sposito, 1999, p.89).

Assim, dada a fragmentação da cidade moderna, nem todas as áreas periféricas podem ser consideradas áreas de segregação sócio espacial. Existe uma gradação, uma hierarquia de áreas periféricas (Sogame, 2001).

Essa gradação diz respeito à própria divisão de grupos das periferias: em conglomerados de baixo poder aquisitivo a distância do centro repercute com precariedade quer do sistema de locomoção, quer de infra-estrutura, quer de serviços de consumo coletivos. Para as periferias que abrigam grupos sociais com maior poder aquisitivo, essas questões não têm as mesmas conotações: loteamentos implantados na forma de condomínios fechados, com espaços de circulação privados, vigiados, delimitam o espaço próprio destinado à moradia, ao lazer, ao consumo e ao trabalho, constituindo uma verdadeira segregação voluntária.

O papel do Estado na implantação de serviços públicos obedece igualmente a essa discriminação. Agente principal de distribuição social e espacial dos equipamentos coletivos (escola, creches, equipamentos esportivos etc.), o Estado conserva as diferenciações acima apontadas. Dependendo do público e do local, a estrutura se diferencia em qualidade e quantidade. Assim, quando falamos de atuação dos gestores ou mesmo dos estudantes e sua participação no grêmio estudantil, não podemos desconsiderar de onde falam, para que possamos analisar por que agem de uma determinada forma ou de outra.

Tais questões objetivas irão referenciar as atuações dos sujeitos envolvidos segundo mediações transitivas como, por exemplo, a legislação e seu potencial transformador tanto quanto conservador.

1.2 A legislação e o Grêmio Estudantil

Não é difícil constatar o jogo de poder no qual estamos inseridos. O atual sistema capitalista muitas vezes ilude, faz pensar e sonhar que é possível conseguir criar uma sociedade justa. Não temos a ilusão de que só as leis bastam. Em muitos casos, ao invés de nos libertar de algumas amarras e atrocidades, elas acabam por nos fazer calar e nos controlar. Assim, a conformidade às normas institucionalizadas é naturalmente “normal”. As pessoas, ao interiorizarem as normas por meio dos mediadores sociais, sentem a necessidade de estar de acordo com elas, mesmo porque existem também as sanções externas.

Quanto ao grêmio estudantil, vimos que, para garantir o direito de que seja organizado na escola, foi necessário expressá-lo em lei. De um lado entendemos que foi um *ganho* democrático; de outro, não podemos negar que se trata, ainda, de uma organização *enformada e controlada* pelo Estado e seus prepostos executores. Para que possamos aprofundar um pouco mais a discussão presente, reportar-nos-emos a alguns fatos históricos. É importante frisar que o estudo da história do movimento estudantil secundarista não é o objeto desse trabalho; apenas queremos assinalar alguns fatos para dar suporte às nossas reflexões.

Constata-se, historicamente, que a organização estudantil, dentro das escolas denominadas hoje de *ensino fundamental e ensino médio*, especificamente, passaram por intervenções políticas principalmente no período da ditadura militar (1964 a 1984).

Antes da implantação do Regime Militar (1964), os estudantes secundaristas¹⁰ tiveram atuação marcante no cenário político nacional, participando, por exemplo, dos Centros Populares de Cultura (CPCs – cf. Ghanem, 1989), que eram compostos pela juventude socialista e comunista, ou envolvendo-se em programas de alfabetização, núcleos populares, praças de cultura, artes plásticas, cinema, música, publicações, festivais de cultura e outras atividades. Outro exemplo de movimento de estudantes secundaristas era a Ação Católica (AC): “*Os alunos eram convidados a integrar o movimento, após terem sido observados e constatada sua liderança na sala de aula ou na escola*” (Pescuma, 1990). Eram selecionados alunos com facilidade de comunicação, os que apresentavam um grau de sociabilidade bem desenvolvido e disposição e disponibilidade para executar atividades extra-escolares.

A Juventude Estudantil Católica (JEC) era o movimento da AC que envolvia alunos com idade entre 12 e 16 anos e destinava-se principalmente a alunos de colégios religiosos. Nas escolas oficiais e particulares, a organização estudantil era mediada pelos grêmios, que eram ou não vinculados à UPES (União Paulista dos Estudantes Secundaristas) e à UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), fundada em 1948.

¹⁰ Estudante secundarista refere-se aos alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. O termo “secundarista” abrange os estudantes de primeiro e segundo graus, tem sua origem na lei de diretrizes e bases da educação – 4024/61. Esta lei dá o nome de ensino médio à escola secundária, abrangendo o curso ginasial e colegial. A lei 5692/71, ao integrar o primário e o ginásio, adota a divisão tríplice do ensino no Brasil: 1º grau, 2º grau e 3º grau.

Após 1964, os grupos que compunham a AC (Ação Católica) foram desativados. Com a lei federal 4464/64, de nove de novembro de 1964, Lei Suplicy de Lacerda, criava-se o Diretório Nacional dos Estudantes para substituir a UNE (União Nacional dos Estudantes), os Diretórios Estaduais para o lugar das Uniões Estaduais dos Estudantes (UEEs) e os diretórios acadêmicos, que faziam as vezes dos centros acadêmicos e grêmios. A UNE e as UEEs tornaram-se ilegais pelo Decreto-Lei nº 228, de 28 de fevereiro de 1967, mas foi o Decreto-Lei nº 477 (26 de fevereiro de 1969), diretamente derivado do AI-5 (Ato Institucional número cinco), que marcou todo um período de repressão e controle sobre a vida acadêmica. Estas leis atingiram também os estudantes secundaristas das demais organizações.

Em 1971, o presidente Emílio G. Médici, através do decreto federal nº 68.065/71, instituiu o Centro Cívico Escolar. No artigo 32 faz saber:

“(...) nos estabelecimentos de qualquer nível de ensino, públicos ou particulares será estimulada a criação do Centro Cívico Escolar, o qual funcionará sob assistência de um orientador, elemento docente designado pelo diretor do estabelecimento de ensino e com diretoria eleita pelos alunos, **destinado à centralização, no âmbito escolar**, e à irradiação, na comunidade local, das atividades de Educação Moral e Cívica, e a cooperação na formação ou aperfeiçoamento do caráter do educando” (Decreto Federal nº 68.065/71).

Como já expusemos, em 1971, o presidente Emílio G. Médici, por intermédio do decreto federal nº 68.065/71, institui o Centro Cívico Escolar.

O período de ditadura militar em nosso país foi palco de lutas armadas, protestos, greves, atentados à bomba e atentados com relação à manipulação das leis¹¹. Os comandantes do regime instituíam e revogavam decretos da maneira que melhor lhes convinha. A resistência a tal regime de governo chegava também à escola, com reivindicações:

- 1 – da parte dos professores, para que fosse revogado o decreto-lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, que instituiu a disciplina Educação Moral e Cívica (EMC), em caráter obrigatório, nas escolas e todos os graus e modalidades de ensino no país;

¹¹ *Retratos do Brasil. Da Monarquia ao Estado Militar*. 1984. São Paulo: Política Editora.

- 2 – da parte de opositores em geral, para a destituição da Comissão Nacional de Moral e Civismo – CNMC, que tinha como função elaborar o programa de EMC, Educação Moral e Cívica, e assessorar o ministro de Estado na aprovação dos livros didáticos, pois, nos Estados, deveria ser analisado o currículo do orientador de Educação Moral e Cívica¹², para aprová-lo ou não;
- 3 – da parte dos estudantes, para a criação de grêmios livres e autônomos.

Em 16 de agosto de 1979, devido à participação de estudantes secundaristas na greve dos professores da rede oficial de ensino de 1978, foi decretada a lei federal nº 6680, estabelecendo que os alunos poderiam constituir grêmios estudantis, restringindo-se sempre aos limites estabelecidos em regimento, e sempre assistidos por um membro do corpo docente, o que, na prática, não fazia nada mudar.

A lei que, de certo modo, muda esta situação é a lei federal nº 7398, de quatro de dezembro de 1985, que dispõe sobre a organização de estudantes de 1º e 2º graus (já citada em nosso trabalho).

Como vimos, a Lei e a Instituição tornam-se necessários para restabelecer um estado de direito, mas serão suficientes para promover uma participação democrática?

1.3 Educação escolar e a teoria crítica.

Os estudos sobre a formação e a teoria crítica da sociedade sugeriram que talvez as análises dos frankfurtianos pudessem contribuir para responder à questão formulada. Os grupos que viriam constituir o movimento teórico da escola de Frankfurt (início da década de 1920) estavam convencidos de que uma interpretação materialista da história, para ser fecunda, não poderia ignorar o papel decisivo dos fatores culturais na determinação das diversas disposições subjetivas com base nas quais as pessoas agiam em face das condições objetivas com que se

¹² O Orientador de Educação Moral e Cívica correspondia a um professor designado pela direção escolar, com carga horária de 12 (doze) horas semanais, para acompanhar o processo de eleição da diretoria do Centro Cívico Escolar composta pelos alunos da escola, zelando para que as atividades desenvolvidas pelo grupo de alunos não extrapolassem as determinações da lei.

defrontavam. Portanto, além da história, da sociologia e da filosofia, era necessário também recorrer à psicologia para a compreensão dos fatos.

Com efeito, a formação e a consciência são elementos indispensáveis, segundo Adorno (2003), para traduzir a possibilidade de emancipação em situações formativas concretas.

Em *Dialética do esclarecimento*, Horkheimer e Adorno apontam que:

É da imaturidade dos dominados que se nutre a hipermaturidade da sociedade. Quanto mais complicada e mais refinada a aparelhagem social, econômica e científica, para cujo manejo o corpo já há muito foi ajustado pelo sistema de produção, tanto mais empobrecidas as vivências de que ele é capaz (Horkheimer e Adorno, 2001, p. 47).

Na sociedade moderna, principalmente na sociedade ocidental, é inegável o grau de relevância ocupado pela instituição escolar. Boa parte das crianças, adolescentes e jovens a freqüentam, e uma parte considerável de seu tempo é nela investida. Para efeito da formação do indivíduo, essa instituição tem grande responsabilidade social.

A educação escolar deveria ser um fator de emancipação do indivíduo, mas não o é necessariamente (Adorno, 2003, p.11). Apesar da ciência e da tecnologia se apresentarem como passaportes para um mundo “moderno”, com ideais de humanização, diz Adorno, existe a necessidade da crítica permanente com relação ao progresso material e à regressão da consciência dos homens.

O autor adverte contra os efeitos negativos de um processo educacional pautado meramente numa estratégia de esclarecimento da consciência, sem levar devidamente em conta a forma social como a educação se concretiza enquanto apropriação de conhecimentos técnicos. A mera reprodução de conceitos, fatos e ciência dos conhecimentos acumulados pela humanidade não tem sido suficiente para nos tornarmos mais humanos, mais sensíveis. Basta, para alcançar esta conclusão, observar o alto grau de desenvolvimento tecnológico no mundo atual e a miséria crescente a que são submetidas grandes parcelas da humanidade.

Em consonância com a teoria crítica, a conclusão apresentada sugere a propósito da escola:

A sociedade industrial precisa, para continuar se perpetuando e se desenvolvendo com base na dominação – única maneira de se manter – aprimorar, constantemente, as formas de controle social, buscando aprisionar todos os indivíduos, independentemente da classe social, em forma de existências rígidas, isto é, que não comportam alternativas, procurando eliminar todas as possibilidades históricas, diluindo-as nos padrões estabelecidos. Esta parece ser uma realidade que também se impôs à instituição escolar. O que vem marcando a pedagogia, nas últimas décadas, é a tentativa de tornar a passagem pela escola, menos traumática possível para os alunos – seja considerando importante trazer a “realidade” sócio-cultural do aluno para dentro da escola, seja propondo inovações didáticas e metodológicas, visando a diminuição das dificuldades de aprendizagem. Há uma função a ser desempenhada: o enquadramento e a preparação das novas gerações para a inserção no mundo dos adultos, que, na sociedade industrial, é quase sinônimo de mundo do trabalho (Giovinazzo Jr., 2003, p.103).

Disso decorre que não basta explicitar, nos projetos escolares, a necessidade de formar “cidadãos críticos e conscientes”, tampouco considerar que, ao cumprir as determinações legais sem a devida reflexão sobre o contexto em que ela deverá ser aplicada, será possível desenvolvê-las objetivamente. As condições concretas de trabalho a que estão submetidos os professores, coordenadores, diretores e funcionários dentro das unidades escolares pouco os fazem refletir sobre as possibilidades de emancipação existente em seu interior, não tornando possível a formação crítica dos alunos. Assim, poderíamos dizer que a derivação da dominação política e o processo de manipulação ideológica têm como base a “semiformação”¹³. A ausência de experiência leva a essa semiformação. Leia-se:

(...) as experiências vividas pelos alunos são limitadas porque não abrem a possibilidade de questionamento e de crítica, isto é, a espontaneidade é tolhida, com a intenção de não se permitir que sejam trilhados caminhos desconhecidos. Portanto, a formação ensejada pela educação escolar não vai além da mera constatação do existente, condição que interpõe obstáculos ao desenvolvimento de indivíduos autônomos (Giovinazzo Jr., 2003, p.103-104).

¹³ Esse termo traduz o alemão *halbbildung* (literalmente, semiformação ou semicultura), que significa pseudoerudição, pseudoformação. Este trabalho se apóia em seu sentido etimológico. Em alguns lugares, é traduzido como pseudocultura (Cf. Adorno, Theodor W. *Teoría de la pseudocultura*, p.141).

Em se tratando do Grêmio Estudantil, analisando os trabalhos desenvolvidos sobre o tema (cf. Pescuma,1990; Camargo, 2002; Giovinazzo Jr., 2003), o que se constata é que, a partir do momento em que aos estudantes é concedida a “autonomia” (no que diz respeito à questão legal – cf. lei federal nº 7.398 de novembro de 1985), essa organização passa a ser manipulada e considerada como algo à parte do sistema escolar, ficando os alunos à mercê da boa vontade da direção da escola ou de professores que possam esclarecer-lhes sobre como proceder para participar dessa organização.

Outro ponto importante refere-se à pretensão real de que a organização estudantil desempenhe um papel relevante na formação do aluno: ela não deveria desenvolver-se apenas nos últimos anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, mas, sim, desde as séries iniciais, já que a formação política que esse tipo de atividade pressupõe deveria fazer parte inerente da experiência formativa em uma instituição escolar pertencente a uma sociedade plenamente democrática. Por certo, essa formação política deveria respeitar não apenas a idade dos alunos, mas, principalmente, os níveis de consciência. A possibilidade de alunos da 1ª série do ensino fundamental poder discutir as normas que regem a organização da sala de aula, normas de convivência, normas escolares, promoveria uma potencial formação democrática e participativa, e os alunos, ao chegarem às séries finais, não necessitariam ser tutelados. É dessa perspectiva que aqui se entende a exigência de Adorno:

A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica. Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive aqueles que mais tarde praticam crimes, formam-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância (Adorno, 2003, p.121-122).

Pessoas educadas desde a infância no temor e na submissão, sem a possibilidade de pensar e refletir sobre o que fazem e o que as mandam fazer, não desenvolverão uma auto-reflexão crítica.

Pouco do que é realizado hoje se traduz em formação concreta norteadas para a emancipação. A contrapartida do Estado, editando normas e pareceres,

baixando comunicados para que se cumpra a legislação, não é suficiente para promover mudanças concretas em práticas tão enraizadas, mas é necessária como mais um instrumento de luta por mudanças.

O que se constata é que *nunca* se investiu tanto na educação (vide plano decenal de educação e os acordos de Jontien, na Tailândia, em 1993), mas concretamente as condições de trabalho dos profissionais da educação e o espaço para a reflexão e experiências dos alunos não mudaram, o que nos leva a pensar e a analisar quais seriam os interesses nesse aparente paradoxo.

A tomada de consciência por parte dos profissionais de educação com relação ao seu papel de mediadores sociais é de extrema importância, pois:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *wel adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para a consciência e para a racionalidade uma ambiguidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela (Adorno, 2003, p.144).

Para que possamos viver a “democracia plena” é necessário que as instâncias mediadoras, não somente a escola, promovam uma educação dirigida à auto-reflexão. Diz Adorno:

(...) isto seria inclusive da maior importância política, sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política, isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas (Adorno, 2003, p.141).

Essa emancipação poderá ocorrer na medida em que tomarmos consciência da nossa semiformação, para, a partir dessa reflexão, procurarmos ir além do estabelecido.

CAPÍTULO II - PARTICIPAÇÃO DO ALUNO NO GRÊMIO ESTUDANTIL

2.1. Procedimento da pesquisa e coleta de dados

Com o objetivo de dar seqüência ao estudo sobre: (a) a participação e a perspectiva dos alunos no grêmio estudantil de escolas estaduais do estado de São Paulo, e (b) sobre a relação desta agremiação com os demais setores da comunidade escolar (alunos não pertencentes à diretoria do grêmio estudantil, professores, professor coordenador, direção escolar, funcionários ligados à administração escolar) foi formulado um questionário para ser respondido por estudantes membros da diretoria do grêmio estudantil de quatro escolas da Região Oeste da Grande São Paulo. O questionário contemplou quatro níveis de questões. São eles:

- 1- perfil escolar do aluno eleito para a diretoria do grêmio estudantil de sua escola;
- 2- perfil sócio econômico do entrevistado;
- 3- grau das relações dos membros da diretoria do grêmio estudantil com o próprio grupo, demais alunos da escola, professores, professor coordenador, direção escolar, e funcionários;
- 4- entendimento dos participantes acerca da estrutura e do funcionamento do grêmio, assim como acerca da opinião pessoal dos componentes da diretoria sobre a atuação da agremiação na escola e sobre as reações da administração escolar.

A opção por concentrar a pesquisa nesses sujeitos (alunos do ensino médio da rede pública do estado de São Paulo, componentes do grêmio estudantil) justifica-se pela existência de poucos trabalhos realizados sobre o tema e pela percepção de que boa parte destes trabalhos não contempla especificamente os sujeitos em questão. De acordo com um levantamento da produção acadêmica da área da educação, entre 1981 e 1995, apenas 3,9% (234 num total 6.083) de todas as dissertações e teses são estudos sobre juventude e adolescência (Giovinazzo Jr.,1999, p.27). Este percentual revela que há pouco interesse na área em se considerar os jovens e adolescentes como objeto de investigação, embora haja reiteração do reconhecimento de que são atores sociais importantes (Giovinazzo Jr., 2002, p.43). Quanto ao tema, a legislação sobre grêmios estudantis e a experiência com crianças e jovens indicam que o interesse pela participação, bem

como o seu incentivo, tem início no final do ensino fundamental, sendo mais intenso no ensino médio.

Para o levantamento inicial dos dados que compuseram o estudo, elaboramos um total de dez questões, ao que denominamos **pré-teste**. O pré-teste foi aplicado em duas escolas da Região Oeste do Estado de São Paulo; quinze questionários foram distribuídos; doze foram respondidos. Ao procedermos à análise, percebemos sua insuficiência quanto aos dados sócio-econômicos e quanto à relação dos membros do grêmio com os demais setores da escola. Sobre isso se deve dizer:

- 1- após revisão das questões, observação e leitura de um instrumento de pesquisa, elaborado sob a forma de escalas de atitude (com a finalidade de investigar a situação social e a consciência do jovem universitário brasileiro acerca de um conjunto de temas sociais e políticos – cf. Sass,1995), e estudo da tese de doutorado *Significado Psicológico de Palavras em Diferentes Grupos Sócio-Culturais*, de Lane (1972), um total de 28 questões foi efetuado e começou a ser aplicado no final do 2º semestre de 2005, em duas escolas. Um total de dezoito questionários foi distribuído; dezesseis foram respondidos. Desses dezesseis questionários, seis tiveram de ser descartados, por não estarem completos ou por conterem respostas completamente destoantes do que foi pedido. Um total de dez questionários (cinco de cada escola) foi tabulado, analisado e apresentado à banca do exame de qualificação referente à presente dissertação;
- 2- num segundo momento, para que o trabalho pudesse ser concluído, o questionário deveria ser aplicado em pelo menos mais duas escolas. Um total de 29 (vinte e nove) questionários foram respondidos num universo de três escolas, entre os meses de abril e maio de 2006. Duas novas escolas foram acrescentadas (escolas localizadas no município de Barueri - SP), enquanto a outra escola, localizada em Carapicuíba - SP (onde aplicamos o questionário, no início de 2006), já havia participado da pesquisa no 2º semestre de 2005. Nosso objetivo, ao aplicar novamente o questionário à diretoria do grêmio de uma mesma escola que já havia participado da entrevista no ano anterior, era o de analisar se a mudança de diretoria de um ano para outro poderia modificar o resultado da pesquisa, pois os componentes da diretoria do grêmio já não eram os mesmos, e a nova diretoria acabara de ser eleita. Com base nessas informações pretende-se analisar se estas diferenças (aplicação do

questionário em períodos distintos de atuação dos membros da diretoria do grêmio estudantil) estarão refletidas nas suas respostas ao questionário.

2.2. O instrumento de pesquisa: questionário.

As questões estão distribuídas da seguinte maneira:

- (a) as questões de número 1 a 5 do questionário são relativas ao perfil pessoal dos alunos. O método utilizado foi destacar as informações sobre idade, sexo, série e vínculo com o trabalho. As questões relativas à idade e série serviram para mostrar se os participantes do grêmio estudantil estão em defasagem ou não com relação à série que freqüentam. A questão sobre o trabalho visa verificar se o entrevistado exerce uma outra atividade além dos estudos; enquanto aquela sobre o sexo visa identificar a proporcionalidade de participação entre o sexo masculino e o sexo feminino;
- (b) as questões de número 6 a 8 procuram identificar se o aluno já havia participado anteriormente de uma diretoria de grêmio estudantil e se o aluno participa ou já participou de outras organizações sociais, políticas e/ou culturais, o que permite aferir ou não uma potencialidade de atuar coletiva e cooperativamente;
- (c) a questão de número 9 procura identificar o processo de urbanização, conferindo se o local de moradia do aluno possui saneamento básico e se os processos de urbanização refletem as diferenças dos municípios estudados;
- (d) as questões de número 10 a 13 procuram identificar o grau de instrução dos pais, a atividade que exercem, a renda familiar, assim como sua capacidade de consumo. O fim dessas questões consiste em estabelecer a classificação do estrato econômico a que pertencem os entrevistados, segundo critérios da *Classificação Econômica Brasil (2003) – CEB* (Anexo IV).
- (e) as questões de número 14 a 20 foram baseadas nas escalas de atitudes (Sass, 1995) e nos estudos de Lane (1972, p.4), que sugerem o fato de que o significado de uma palavra extrapola as características denotativas, implicando na ênfase sobre aspectos específicos de certos conceitos, durante a aprendizagem individual dos entrevistados, de maneira que estes atribuem aos conceitos um significado decorrente das condições

nas quais ele foi apreendido Pressupõe-se, ainda, que, quanto mais semelhantes forem as condições nas quais se deu a aquisição do significado de uma palavra, mais efetiva será a comunicação entre os indivíduos. Ou seja, quanto menor o *ruído*, menores são as distorções entre a codificação e a decodificação, e maior a quantidade de informações transmitidas com menor número de palavras. Assim, o questionário elaborado, além de coletar informações quanto às condições sócio-econômicas e quanto às atividades sócio-culturais dos estudantes, pretende coletar informações sobre o que eles pensam quanto à agremiação em que atuam e à relação do mesmo com os demais setores da comunidade escolar (demais alunos da escola, professores, professor coordenador, direção escolar e funcionários). Tudo isso, como se sabe, resulta de uma aprendizagem que necessariamente envolve reações emocionais ou afetivas inerentes às situações vividas. Assim, a busca pela compreensão do fator psicológico que a palavra pressupõe como relação subjetiva pretende identificar como a experiência com a instituição (e o poder que dela emana) é percebida individualmente, a despeito ou por influência de sua inserção no grêmio estudantil. Estas questões foram organizadas em forma de escala (Sass,1995; Lane, 1972, p.10). São sete espaços dentro dos quais foram avaliados os aspectos solicitados; aspectos esses que dizem respeito à participação do aluno no grêmio estudantil e à sua relação, enquanto membro de tal agremiação, com os demais setores da comunidade escolar;

- (e.1.) a cada questão seguiram, logo abaixo, algumas escalas, e a intensidade seria medida através de sete intervalos entre os adjetivos opostos que compõem a escala, permitindo um gradiente de resposta (Lane,1972). Cada escala é definida por um par de termos polares, opostos na significação, formando um conjunto de sete alternativas mutuamente exclusivas. O aluno respondeu fazendo um X em cada escala para mostrar o que “o segmento” (no alto da página) queria dizer para ele (cf. Anexo I). Para análise, os adjetivos opostos foram divididos em três núcleos que enfatizam ora o *Apoio* ou o *Estímulo*, ora o *Obstáculo* que francamente tolhe a atuação do componente do grêmio estudantil junto aos diversos sujeitos da escola;
- (e.2) os itens A: fácil, simples, tolerante, dizem respeito ao *Apoio* (desde que na escala sejam assinalados os números de 7 a 5) dos professores, professores coordenadores, direção escolar e funcionários, em relação à atuação do grêmio estudantil. Os itens B: incentivadora, contínua, dizem

respeito ao *Estímulo* (desde que assinalados na escala os números de 7 a 5) dos professores, professores coordenadores, direção escolar e funcionários, em relação à atuação do grêmio estudantil. Os itens C: boa, estável, previsível, produtiva, cooperativa da relação, incorpora tanto o *Apoio* como o *Estímulo*. Nos três casos, a oposição: difícil, complicado, intolerante, refreadora, truncada, ruim, instável, imprevisível, improdutiva, competitiva (na escala corresponde do número 3 ao 1) ou inviabilidade da relação é um obstáculo. O número quatro na escala corresponde a nem x, nem y; igualmente a x e y. Por exemplo:

	7	6	5	4	3	2	1	
Boa (x)								Ruim (y)
	sempre	maioria das vezes	às vezes	nem uma coisa, nem outra ou igual	às vezes	maioria das vezes	sempre	

- (f) as questões de número 21 e 22 procuram aferir aspectos que os alunos participantes da diretoria do grêmio estudantil consideram satisfatórios e insatisfatórios com relação à sua própria atuação na instituição;
- (g) a questão de número 23 indica a opinião pessoal dos membros do grêmio quanto à atuação da organização do grupo, visando, assim, observar qual o papel atribuído a esta instituição;
- (h) a questão de número 24 mostra a opinião pessoal dos membros do grêmio quanto à atuação da administração escolar com relação ao grêmio estudantil;
- (i) as questões 25 a 27 indicam os itens relacionados à estrutura física necessária ao funcionamento do grêmio estudantil (local das reuniões e horário);
- (j) a questão 28 indica assuntos que os membros da diretoria do grêmio estudantil consideram mais urgentes a serem resolvidos pela sociedade.

2.3. Do local das pesquisas

O estudo foi desenvolvido em duas cidades localizadas na região Oeste da Grande São Paulo, Barueri e Carapicuíba, escolhidas devido à minha atuação profissional na região, o que facilitou melhor acesso às escolas e à aplicação do questionário.

A cidade de Barueri localiza-se a oeste da Capital, numa distância de 29,5Km. Duas rodovias cortam a cidade: a Castelo Branco (SP-280) e a Estrada dos Romeiros (SP-270). Segundo dados do IBGE (2000), a cidade conta com uma população de 208.281 habitantes. O desenvolvimento econômico de Barueri se consolidou a partir de 1973, com a aprovação da Lei de Zoneamento industrial, que possibilitou o surgimento de pólos empresariais na região, como Alphaville, Tamboré, Jardim Califórnia e Distrito Industrial do Votupoca. Sem zona rural, toda a sua população concentra-se na zona urbana. É uma das cidades mais desenvolvidas da região.

A cidade de Carapicuíba é uma das cidades que fazem limite com a cidade de Barueri. Sua área total corresponde a 36km² e a área urbanizada é de 29km², sua principal característica é o elevado número da população em relação à área que possui (327.882 habitantes, segundo dados do IBGE – Censo 2000). A densidade demográfica, portanto, é de 9.108 hab/km². Enquanto Barueri tem um pólo industrial altamente desenvolvido, Carapicuíba caracteriza-se por ser uma cidade dormitório; sua principal arrecadação são os repasses do governo estadual e federal.

Em relação às escolas escolhidas, optou-se por manter sob sigilo as identificações. Parte da aplicação do questionário junto à diretoria dos grêmios estudantis começou no final do ano de 2005 (novembro), em duas escolas da cidade de Carapicuíba. Seu complemento ocorreu no início de 2006, na mesma região do trabalho inicial, na cidade de Barueri.

A escolha de tais escolas respondeu a dois critérios: cidades próximas com características diferentes quanto à municipalização do ensino e à relação centro/periferia destacada no capítulo I, item 1.1 (A escola e a cultura).

Três escolas onde foram realizadas as pesquisas são de porte *grande* e uma escola de porte *médio* (segundo os critérios da SEESP, são consideradas escolas de porte grande escolas com mais de 45 salas de aula em funcionamento e cujo número de alunos ultrapasse 1.800; enquanto escolas de porte médio são as que possuem de 30 a 44 salas de aulas em funcionamento, e que tenham em média de 1.000 a 1.700 alunos).

As escolas pesquisadas no final do segundo semestre de 2005 pertenciam ao mesmo município e se diferenciavam não pelo seu tamanho e número de alunos, mas sim pela sua estrutura e localização (uma localizada no centro do município e outra na periferia).

As escolas acrescentadas ao estudo, no início de 2006, estão localizadas no município vizinho, sendo uma de porte médio (localizada no centro do município)

e outra de porte grande (localizada na periferia). Estas se diferenciam das escolas do primeiro município por serem escolas que funcionam no regime de escolas compartilhadas¹⁴. Portanto, nestas escolas, o Ensino Médio é de responsabilidade do Estado, assim como a Educação de Jovens e Adultos (EJA), do ensino fundamental do ciclo II, e as telessalas. Estas demandas são atendidas principalmente nos períodos da manhã e da noite.

Quadro 2.1: Escolas que compõem a amostra deste estudo segundo localização, tamanho, período de funcionamento e graus de ensino

ESCOLAS	LOCALIZAÇÃO		TAMANHO			PERÍODO (turno)			GRAUS DE ENSINO	
	Central	Periferia	P	M	G	M	T	N	Fund.	Médio
A	X				X	X	X	X	X	X
B		X			X	X	X	X	X	X
C	X			X		X	X	X	X	X
D		X			X	X	X	X	X	X

Fonte: Diretoria de Ensino da Região de Carapicuíba- SP e Diretoria de Ensino da Região de Itapevi-SP, ano de 2005 e 2006.

¹⁴ Escolas compartilhadas são escolas onde a rede estadual atendia o ensino fundamental do ciclo II (regular), assim como o ensino médio (regular). Com a municipalização do ensino da educação básica (ensino fundamental do ciclo II), a partir do ano 2000, estas escolas, no município de Barueri, passaram a funcionar com o regime compartilhado: o município atende, no mesmo prédio, o ensino fundamental do ciclo II, e o Estado atende principalmente o ensino médio regular.

As escolas que compõe a mostra estão divididas em escolas centrais e de periferia. A escola A localiza-se no centro da cidade de Carapicuíba, e a escola C localiza-se no centro de Barueri. A escola A é de porte grande, e a escola C é de porte médio. A escola B localiza-se na periferia de Carapicuíba, e a escola D localiza-se na periferia de Barueri. As duas escolas, B e D, são de porte grande. Todas as escolas da mostra funcionam nos três períodos (turnos): manhã, tarde e noite. Todas elas atendem ao ensino fundamental do ciclo II e ao ensino médio.

Como já expusemos, os alunos que participaram do estudo são os dirigentes da diretoria dos grêmios estudantis, eleitos por seus pares. Os entrevistados foram trinta e nove. A previsão era de quarenta a sessenta alunos, o que correspondia à média de componentes de cada diretoria dos grêmios estudantis, que variam de dez a quinze componentes em cada unidade escolar. Devido à impossibilidade de entrevistar a todos no período da aplicação da pesquisa (por causa de falta do aluno, de alunos que foram eleitos mas que haviam mudado de escola etc.), o número previsto não chegou a ser alcançado.

No quadro abaixo são apresentados dados referentes ao número de alunos entrevistados em cada escola e à sua proporcionalidade em relação às outras escolas, bem como o período e ano em que se deu a aplicação do questionário:

Tabela 2.1: Total de alunos entrevistados entre os anos 2005 e 2006 e seu respectivo período:

Escola	Ano de 2005	Ano de 2006	total	Proporção
	2º semestre	1º semestre		
A	5	-	5	0,13
B	5	9	14	0,36
C	-	7	7	0,18
D	-	13	13	0,33
Total	10	29	39	1,00

Nota: “-” representa a frequência zero.

A tabela mostra o número de estudantes que responderam ao questionário em cada escola, assim como o período em que se deu a aplicação. A escola B, localizada na cidade de Carapicuíba, é de porte grande, contém o dobro do número de alunos entrevistados em relação à escola C, e quase o triplo da escola A. A escola D, localizada no município de Barueri, é de porte grande, tem quase o dobro de entrevistados com relação à escola C e ultrapassa o dobro com relação aos estudantes dirigentes do grêmio estudantil que responderam ao questionário na escola A. Estas diferenças ocorreram devido aos seguintes fatores:

- (1) a escola A e a escola B, localizadas no mesmo município, Carapicuíba, foram visitadas primeiro, no final do segundo semestre de 2005. Os dirigentes dos grêmios, que responderam ao questionário, estavam praticamente no final do mandato (novembro/2005), e, apesar de os dirigentes dos grêmios serem eleitos ao início de cada ano letivo, tendo um ano de mandato após a eleição, geralmente o grupo que deveria atuar até o início do ano seguinte se desfaz, ou por concluírem os estudos naquela escola, ou por se transferirem da mesma. Por exemplo: dos dirigentes do grêmio que responderam ao questionário da escola A, somente um aluno era do 2º ano do ensino médio; o restante era do 3º ano do ensino médio. Assim, os integrantes que terminaram o curso do ensino médio se afastaram naturalmente da escola e do grupo. A característica deste primeiro grupo (alunos entrevistados no segundo semestre de 2005) era, então, o fato de serem 'veteranos'. Alguns componentes eleitos no início do ano de 2005 já não participavam mais da diretoria do grêmio estudantil, no segundo semestre. Mesmo assim, o número de componentes não se resumia a este (cinco de cada escola); alguns questionários não foram respondidos, dada a inviabilidade de havermos retornado à escola para aplicação do mesmo, e outros foram desconsiderados por não estarem completos e/ou terem sido respondidos de maneira diferente da que foi pedida. A escola B voltou a ser visitada no início de 2006, após a eleição da nova diretoria do grêmio estudantil. O questionário foi aplicado nos alunos recém-eleitos, com o objetivo de analisar se esta mudança iria se refletir no resultado da pesquisa;
- (2) as escolas C e D foram visitadas no início de 2006, logo após a eleição da diretoria do grêmio estudantil. Na escola C, os membros recém-eleitos que respondiam ao questionário, reclamavam do

desfalque que o grupo sofrera, à medida que dois membros da diretoria do grêmio haviam sido transferidos da escola. Na escola D, os alunos eleitos pareciam mais tranquilos, pois haviam acabado de vencer as eleições contra a chapa dos estudantes do período noturno, sendo que o grupo eleito era composto por estudantes do período da manhã. A escola em questão é compartilhada, cabendo ao Estado a responsabilidade sobre o ensino médio, o EJA (Educação de Jovens e Adultos, do ensino fundamental do ciclo II) e duas telessalas (ensino fundamental do ciclo II e ensino médio), funcionando nos períodos da manhã e da noite. O ensino fundamental ciclo II (regular) é de responsabilidade da prefeitura municipal de Barueri. Assim como o EJA, esses segmentos são atendidos nos períodos da manhã, tarde e noite. Os estudantes do ensino fundamental sob responsabilidade do governo municipal não participaram do processo de eleição do grêmio da rede estadual; os alunos da prefeitura estavam num outro processo de eleição, que deveria ocorrer no mês de junho de 2006. Portanto, nessa escola, dois grêmios deverão atuar concomitantemente a partir da eleição dos alunos sob responsabilidade do município.

2.4. Primeira fase da pesquisa

No mês de novembro de 2005, aplicou-se a primeira pesquisa numa escola central de porte grande (escola A), que atende parte do ensino fundamental (7^a e 8^a série) e ensino médio (1^o, 2^o e 3^o ano), localizada em Carapicuíba. Nessa cidade, como se disse acima, há um contingente populacional muito elevado (9.108 hab/km², segundo dados do IBGE 2000), e ela é caracterizada pelo grande número de *Conjuntos Habitacionais* (Cohab) implantados na cidade na década de 1970, com um parque industrial pequeno, obrigando grande parte da população a deslocar-se para trabalhar. A escola em questão foi escolhida para este trabalho em função, primeiramente, de seu referencial histórico; em segundo lugar, pela proximidade da pesquisadora com a direção atual da escola e alguns profissionais da mesma, que não hesitaram em colaborar com a pesquisa, atendendo prontamente ao seu pedido e colocando-a em contato com a diretoria do grêmio estudantil para a aplicação do questionário. Houve um pouco de dificuldade na aplicação do questionário devido ao calendário escolar, que contava com feriados, participação dos alunos em eventos extra-escolares e o pouco tempo de que se dispunha para acompanhar todos os períodos. Uma parte do questionário (de número dois) foi aplicado pelo coordenador da escola; três foram aplicados diretamente pela pesquisadora.

A segunda escola (B) a fazer parte da pesquisa conta com as mesmas características da primeira. É de porte grande, atende aos alunos de ensino fundamental e ensino médio, com a diferença de que o ensino fundamental do segundo ciclo (5^a a 8^a séries) é oferecido de forma integral (há todas as séries), e o ensino médio (1^o, 2^o e 3^o ano). Esta escola localiza-se na mesma cidade que a primeira. É afastada do centro, localizada num bairro com muitas favelas e construções semi-acabadas. Algumas ruas na proximidade da escola ainda não possuem asfalto, e as que possuem estão em estado precário. O bairro tem a fama de ser violento; professores e direção escolar temem trabalhar no período noturno. A escolha desta escola deu-se pela sua característica, a sua localidade, o número de alunos que atende, assim como a relação pessoal da pesquisadora com a coordenadora do período noturno, que se dispôs a colaborar com o estudo, conversando com o diretor da escola e reunindo os componentes do grêmio estudantil. Não foi possível haver contato com todos os membros, mas a metade (cinco alunos) da diretoria respondeu ao questionário. Infelizmente, os desencontros de calendário, o tempo disponível para aplicação do questionário etc. não colaboraram para uma aplicação satisfatória; os questionários deixados para que os alunos respondessem tiveram que ser desconsiderados por não estarem de acordo com o que era pedido.

A terceira escola pesquisada está localizada na cidade de Barueri (escola C); é de porte médio e situada no centro da cidade. A grande diferença com relação às duas primeiras escolas é a de que, neste município, todas as escolas de ensino fundamental regular (ciclo I e II) foram municipalizadas. Mesmo as escolas onde funcionavam o ensino fundamental e o ensino médio da rede estadual, o ensino fundamental ciclo II passou a ser administrado pela prefeitura municipal de Barueri em regime de administração 'compartilhado' (desde fevereiro/2000). Nesta escola, o ensino médio é de responsabilidade do Estado. Os períodos destinados ao atendimento deste segmento escolar é o período da manhã e o período noturno. No período da tarde, a escola atende os alunos sob responsabilidade do município, o ensino fundamental ciclo II; no período noturno, o município atende o EJA (educação de jovens e adultos do ensino fundamental ciclo I). A escolha desta escola deu-se pela sua característica, a sua localidade, o número de alunos que atende, assim como pela relação pessoal da pesquisadora com a direção e coordenação da escola. O questionário foi aplicado pela pesquisadora, mas infelizmente a diretoria do grêmio estudantil que havia sido eleita na semana anterior já se encontrava desfalcada devido à transferência de dois membros do grupo.

A quarta escola se localiza também na cidade de Barueri (escola D). É escola de porte grande, porém está localizada na periferia da cidade. É uma escola que também funciona em regime compartilhado (desde fevereiro de 2000). Nessa escola, o ensino médio, o EJA (ensino de jovens e adultos do ciclo II e ensino médio) e duas telessalas (ensino fundamental ciclo II e ensino médio) são de responsabilidade do Estado. Os períodos destinados ao atendimento destes segmentos escolares é o período da manhã e o período noturno. Nos períodos da manhã e tarde a escola atende também os alunos sob responsabilidade do município, o ensino fundamental ciclo II (regular). A escolha desta escola deu-se pela sua característica, a sua localidade, o número de alunos que atende, assim como pela relação pessoal da pesquisadora com funcionários e a coordenação da escola. Para a aplicação do questionário, participamos de uma reunião com os integrantes do grêmio estudantil da rede estadual e o coordenador da escola. Assim como nas demais escolas, foi explicado a que se destinava o trabalho, além de cada questão. Os alunos preferiram ficar com o questionário, para devolvê-lo no dia seguinte. Assim, um total de 13 questionários foi preenchido pelos membros do grêmio estudantil desta escola.

As tabelas abaixo apresentam escolas da mostra segundo modalidade de ensino, turno e número de aluno: a tabela 2.2 e a tabela 2.3 mostram o número de professores e funcionários das mesmas escolas.

Tabela 2.2: Escolas da mostra do estudo segundo a modalidade de ensino, turno e número de alunos.

Escola	Nº de aluno/turno												
	Ens. Fund.			Ens. Médio			EJA		EJA		EJA		Total
	M	T	N	M	T	N	E. F. C.I	E.F.C.II	Ens. Méd.	Telessala			
A	-	720	-	908	138	661	-	-	-	-	-	2427	
B	592	772	-	190	-	625	-	-	-	-	-	2179	
C Dados Município	-	456	-	-	-	-	102	-	-	-	-	558	
C Dados Estado	-	-	-	489	-	247	-	-	-	-	-	736	
D Dados Município	556	565	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1121	
D Dados Estado	-	-	-	409	-	255	-	268	222	144	-	1298	

Fonte: Direção das escolas A,B,C e D de 2005 e 2006.

Notas: (1) Escolas C e D são escolas que funcionam em regime compartilhado. Total de alunos atendidos pela escola C (regime compartilhado): 1.204. Total de alunos atendidos pela escola D (regime compartilhado): 2.419. (2) EJA: Educação de Jovens e Adultos. (3) “-” indica frequência zero.

A tabela acima (2.2) mostra o turno de funcionamento das escolas e suas respectivas modalidades de ensino. As escolas C e D, localizadas no município de Barueri e que funcionam em regime compartilhado, suportam modalidades de ensino mais variados (ensino regular do ciclo I e II; ensino regular do ensino médio; EJA, ciclos I e II; EJA, ensino médio, e Telessalas) do que as escolas A e B, que atendem somente o ensino regular no ensino fundamental ciclo I e II e ensino médio.

Tabela 2.3: Escolas da mostra segundo número de professores e funcionários.

Escolas	Nº de professores		Número de funcionários
	PEB I*	PEB II*	
A	-	134	39
B	-	81	16
C* Dados Município	3 (EJA I)	24	8
C** Dados Estado	-	30	11
D* Dados Município	-	45	21
D** Dados Estado	-	47	11

Fonte: Direção das escolas A,B,C e D de 2005 e 2006.

Nota:1)PEB I: Professor de Educação Básica de nível I (Ensino Fundamental do ciclo I, 1ª a 4ª séries).

PEB II: Professor de Educação Básica de nível II (Ensino Fundamental do ciclo II, 5ª a 8ª séries e Ensino médio). 2) Escolas C e D são escolas que funcionam em regime compartilhado.

Os dados das tabelas 2.2 e 2.3 mostram que há um grande desequilíbrio entre as escolas estudadas, tanto quanto ao número de professores quanto ao número de funcionários. Na escola A (central), a proporção é de 18 alunos por professor, enquanto na escola B (periferia), a proporção é de 26 alunos por professor. Nas escolas C (central) e D (periferia), que se localizam no município de Barueri e que funcionam em regime compartilhado, a diferença não é tão gritante, mas, como veremos a seguir, a diferença maior ocorrerá dentro da própria escola com relação aos funcionários. Quanto aos funcionários, na escola A (central), a proporção é de 62 alunos por funcionário enquanto na escola B (periferia) essa proporção sobe para 136 alunos por funcionário. Nas escolas C e D estas distorções ocorrem tanto na diferenciação centro/periferia como dentro da própria escola com o regime compartilhado. Na escola C a proporção é de 31 alunos da rede municipal por funcionário enquanto que na mesma escola a proporção de

alunos para cada funcionário da rede estadual é de 67 alunos. A diferença é mais gritante ainda na escola de periferia que funciona sob o mesmo regime. Na escola D a proporção de alunos da rede municipal por funcionário é de 53, enquanto que a proporção de alunos do estado por funcionário é de 118. Portanto, a diferença entre centro e periferia não ocorre em apenas um município, assim como não somente na rede estadual; como vimos, ela ocorre também na rede municipal. Talvez seja possível entender por que a procura de vagas nas escolas centrais seja maior, afinal, a população já deve ter entendido que os locais mais visíveis são mais estruturados para que se faça uso político do mesmo.

A Tabela 2.4 apresenta a caracterização dos sujeitos da pesquisa quanto à sua estrutura pessoal e vida escolar.

Tabela 2.4: Caracterização pessoal dos estudantes dirigentes do grêmio estudantil.

Escola	Sexo		Idade (média)	Série			Trabalha?	
	F	M		1ªEM	2ªEM	3ªEM	Sim	Não
A	1	4	17,5	-	1	4	4	1
B	3	11	18	4	4	6	4	10
C	4	3	17	1	4	2	2	5
D	5	9	16,5	-	13	-	4	9
Total	12	27		5	22	12	14	13

Nota: “-” indica a frequência zero.

Observando-se a tabela 2.4, que trata da caracterização pessoal dos alunos que compõem este estudo, quanto à série, idade, sexo e trabalho, o que mais chama a atenção é o fato de que todos os alunos que responderam ao questionário, componentes do grêmio estudantil de sua escola, são do ensino médio, apesar de a escola atender ao segmento de estudos de ciclo II, 5ª à 8ª série do ensino fundamental. Outra informação importante é o fato de a diretoria do grêmio ser composta em sua maioria por jovens do sexo masculino; a proporção do sexo feminino é de 0,30 enquanto que o sexo masculino é de 0,70.

Quanto à questão de idade-série, as quatro escolas apresentam alunos com defasagem em relação à idade e à série que freqüentam, pois a idade está acima do esperado, indicando que os mesmos passaram por um processo de reprovação ou abandono em algum momento da vida escolar.

Observe-se também que a maioria dos alunos entrevistados já demonstra preocupações em relação aos meios de sobrevivência (0,67). A proporção em relação aos 39 alunos entrevistados mostra que 0,36 já trabalham, outros 0,31 estão procurando emprego, e apenas 0,33 ainda não demonstram esta preocupação.

2.5 Características do perfil social e econômico do dirigente do grêmio estudantil.

Com o objetivo de caracterizar o perfil sócio-econômico dos estudantes dirigentes do grêmio estudantil das escolas que fazem parte da mostra deste estudo, procuramos identificar as condições de vida familiar do estudante no seu aspecto de moradia, tipo de trabalho exercido pelos pais, renda familiar, grau de escolaridade dos pais e a capacidade de consumo da família.

A tabela 2.5 mostra o aspecto de moradia, esses dados foram colhidos para que pudéssemos identificar o processo de urbanização conferindo se o local de moradia do dirigente do grêmio estudantil possui saneamento básico e se o processo de urbanização reflete as diferenças dos municípios estudados. As tabelas 2.6 e 2.7 tratam do tipo de trabalho exercido pelos pais.e a tabela 2.8 mostra a renda familiar dos estudantes, estes dados tem por objetivo mostrar a situação social do estudante. Para que pudéssemos estimar o potencial de compra das famílias dos estudantes e classificá-los em classes econômicas, utilizamos o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), 2.003. Este sistema atribui pontos a determinados itens que o indivíduo possui (ver anexo). Além disso, os estratos econômicos A e B são subdivididos em dois: A1, A2, B1, B2. O critério pontua os bens de consumo (vide anexo II) e o grau de instrução do chefe de família (vide anexo II). Assim classifica os estratos econômicos com pontuação de corte.

Quadro 2.2: Pontuação de corte no Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), 2.003.

Classe Econômica	Pontos
A1	30 ... 34
A2	26 ... 29
B1	21 ... 24
B2	17 ... 20
C	11 ... 16
D	6 ... 10

Para aplicarmos este critério nas escolas que fazem parte da mostra desse estudo, pontuamos cada item de acordo com o CCEB e obtivemos a média por escola. Observando que o mesmo ficou prejudicado quanto a um item que faz parte da tabela (quantidade de banheiro na residência) dado que não foi levantado pelo questionário, ao qual atribuímos um (item banheiro) para cada residência. Portanto a estimativa será sempre para maior, pois com certeza há residências neste grupo estudado com mais de um banheiro em suas residências.

Tabela 2.5: Condições de vida familiar dos alunos dirigentes do grêmio estudantil quanto à moradia.

<i>Escola</i>	<i>Moradia</i>											
	<i>própria?</i>		<i>Rua calçada?</i>		<i>água encanada?</i>		<i>eletrici- dade?</i>		<i>rede de esgoto?</i>		<i>correio?</i>	
	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>Sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>	<i>sim</i>	<i>não</i>
A	5	-	5	-	5	-	5	-	5	-	5	-
B*	12	2	10	3	13	-	13	-	13	-	13	-
C	4	3	5	2	5	2	5	2	5	2	5	2
D	10	3	12	1	13	-	13	-	11	2	13	-
Total	31	8	32	6	36	2	36	2	35	4	36	2
Prop.	0,80	0,20	0,83	0,15	0,93	0,05	0,93	0,05	0,91	0,09	0,93	0,05

Notas: 1) *Um aluno da escola B preferiu não responder aos itens (calçada, água encanada, eletricidade e correio); 2) “-” corresponde a frequência zero; 3) “Prop.” corresponde a “proporção”.

Dos 39 estudantes que participaram da mostra da pesquisa, 19 pertencem às escolas A e B, que se localizam no município de Carapicuíba, e 20 estudantes pertencem às escolas C e D, que se localizam no município de Barueri. A proporção dos estudantes que possuem casa própria, totalizando os dois municípios, é de 0,80, contra 0,20 que não possuem. Porém, se analisarmos cada município, verificaremos que no município de Carapicuíba (escolas A e B) a proporção é de 0,90 para os que moram em casa própria e 0,10 para os que moram em casa alugada. Já no município de Barueri (escolas C e D) a proporção em relação aos 20 alunos entrevistados nestas escolas é de 0,70 para os que possuem casa própria e 0,30 para os que não possuem. Quanto às condições de saneamento básico, a finalidade da questão era a de poder observar se iria refletir nas respostas dos alunos as diferenças existentes entre os dois municípios onde se localizam as escolas que fazem parte de nossa mostra: o município tido como 'rico' e com infra-estrutura mais desenvolvida quanto aos itens pesquisado (Barueri), e outro 'pobre' (Carapicuíba) com contingente populacional muito elevado e com inúmeras favelas espalhadas por todo o município. Porém, os dados levantados por meio do questionário aplicado aos estudantes que fazem parte da diretoria do grêmio estudantil de sua escola não apontaram grande diferença em relação aos itens selecionados (infra-estrutura e saneamento básico). Talvez isto se justifique pelo estrato econômico em que o estudante dirigente do grêmio estudantil se classifica, como observaremos na tabela 2.9.

Observem-se, agora, as tabelas 2.6 e 2.7:

Tabela 2.6: Condições de vida familiar dos integrantes do grêmio estudantil quanto ao tipo de trabalho exercido pelo pai.

Escola	Tipo de trabalho exercido pelo pai							
	Agricultura	indústria	comércio	func.pub.	Prof. Lib.	Informal.	Não sabe	não respondeu
A	-	1	3	1	-	-	-	-
B	1	3	3	3	1	-	1	2
C	-	-	3	2	-	2	-	-
D	-	4	4	1	1	1	2	-
Total	1	8	13	7	2	3	3	2
Proporção	0,02	0,20	0,33	0,18	0,05	0,07	0,07	0,05

Nota: 1) “-” corresponde a freqüência zero; 2) “func. pub.” corresponde a “funcionário público”; 3) trabalho informal corresponde a trabalho sem carteira assinada; 4) “não trab.” corresponde a “não trabalha”.

A tabela acima mostra que os pais dos estudantes que fazem parte deste estudo concentram-se em tipos de trabalho principalmente ligados ao comércio (0,33), indústria (0,20) e prestação de serviços como funcionários públicos (0,18).

Tabela 2.7: Condições de vida familiar dos integrantes do grêmio estudantil quanto ao tipo de trabalho exercido pela mãe.

Escola	Tipo de trabalho exercido pelo mãe								
	Agricult.ura	indústria	comércio	func.pub..	Informal	lar	não trab.	Não sabe	não respondeu
A	-	-	-	2	-	3	-	-	-
B	1	1	1	2	3	2	-	1	3
C	1	-	3	-	-	2	1	-	-
D	-	-	1	2	1	6	1	1	1
Total	2	1	5	6	4	13	2	2	4
Proporção	0,05	0,02	0,13	0,15	0,10	0,33	0,05	0,05	0,10

Nota: 1) “-” corresponde a freqüência zero; 2) “func. pub.” corresponde a “funcionário público”; 3) trabalho informal corresponde a trabalho sem carteira assinada; 4) “não trab.” corresponde a “não trabalha”.

Na tabela acima, que corresponde ao tipo de trabalho exercido pela mãe, a maioria dos questionários respondidos pelos alunos que fazem parte da mostra de nossa pesquisa mostra que 0,33 trabalham em casa (afazeres domésticos), 0,15 são funcionárias públicas, 0,13 trabalham no comércio e 0,10 exercem o trabalho informal.

Tabela 2.8: Condições de vida familiar dos integrantes do grêmio estudantil quanto à renda familiar

Renda familiar/salário	Escolas				D
	A	B	C		
	proporção				
Nenhuma renda	-	1	-	-	0,02
até 1 salário mínimo	-	2	1	-	0,07
de 2 a 5 salários mínimos	1	8	3	6	0,46
de 6 a 10 salários mínimos	1	3	1	6	0,28
de 11 a 20 salários mínimos	2	-	-	-	0,05
de 21 a 30 salários mínimos	-	-	1	-	0,02
mais de 30 salários	1	-	1	-	0,05
não respondeu	-	-	-	1	0,02

Com relação à renda familiar, a maioria dos estudantes que fazem parte da mostra desta pesquisa concentra-se entre dois a cinco salários mínimos (0,46) e de seis a dez salários mínimos (0,28). A desigualdade chega a ser gritante quanto ao dado de uma família que não possui nenhuma renda (estudante da escola B), e outro dado de duas famílias que ultrapassam a renda de 30 salários mínimos. Outra constatação é a diferença de renda com relação às famílias de estudantes das escolas centrais e de periferia. A renda familiar dos alunos de escolas centrais ultrapassam a média de seis a dez salários mínimos, enquanto que as famílias dos estudantes de escola de periferia ficam nesse limite.

Tabela 2.9: Total de pontos adotados pelo Critério de Classificação Econômico Brasil (CCEB), 2003, para os itens de bens de consumo e grau de escolaridade do chefe de família de acordo com os dados levantados pelo questionário aplicado aos estudantes dirigentes do grêmio estudantil (vide anexo II e IV).

Escola	alunos	Bens de consumo (total pontos)	Grau de escolaridade do chefe de família (total pontos)	Total de pontos geral	Média da pontuação
A	5	91	12	103	20,6
B	14	196	44	240	17,1
C	7	118	19	137	19,5
D	13	202	33	235	18,0

De acordo com os dados levantados pelo questionário aplicado aos estudantes dirigentes do grêmio estudantil sobre a quantidade de bens de consumo disponíveis em sua residência (questão 13 do questionário de pesquisa) e o grau de escolaridade do chefe de família (questão 10 do questionário de pesquisa) das escolas A, B, C e D (vide anexo II), e os respectivos pontos atribuídos aos itens pelo CCEB (quadro 2.2), resultou a seguinte classificação econômica: os estudantes das escolas B, C e D pela pontuação do corte no Critério Brasil pertencem à classe B2. Os estudantes da escola A, pela pontuação do corte no Critério Brasil (20,6), está entre a classificação B2 e B1, devido à observação que já fizemos com relação ao dado que não foi levantado pelo questionário de pesquisa e que diz respeito à quantidade de banheiro existente na residência. Observamos também que, apesar das escolas pertencerem praticamente à mesma classe, o grau de diferença de pontuação entre as escolas de periferia e as escolas centrais é relevante. A escola B, em relação à escola A, possui uma diferença de um pouco mais de três pontos para menos. Na escola D, esta diferença é de 2,6 também para menos, com relação à escola A. Com relação à escola C (central) e às escolas B e D, esta diferença também ocorre: a escola B tem 2,4 pontos a menos que a escola C; e a escola D, 1,5 pontos a menos que a escola C.

2.6 Opinião dos estudantes dirigentes do grêmio estudantil das quatro escolas estudadas quanto à sua participação na agremiação.

Os resultados da pesquisa serão apresentados em forma de escalas obedecendo a seguinte ordem:

- 1- com o resultado geral dos estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005 e 1º semestre de 2006 (total geral, escala 2.A);
- 2- (separadamente) resultado obtido na aplicação do questionário aos alunos dirigentes do grêmio estudantil no 1º semestre de 2006 (parcial, tabela 2.11);
- 3- (separadamente) resultado obtido na aplicação do questionário aos alunos dirigentes do grêmio estudantil no 2º semestre de 2005 (parcial, tabela 2.12).

Observe-se, agora, a Escala 2.A, abaixo. Observando a escala de 7 a 1 (do maior para o menor), procuramos investigar o grau de intensidade das respostas dos alunos quanto a sua participação observando o gradiente dos adjetivos opostos.

Escala 2.A: Participação dos dirigentes no grêmio estudantil (avaliação pessoal dos dirigentes do grêmio estudantil – total geral).

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
produtiva		17	15	2	4	1	0	0	improdutiva
estável		19	11	2	7	0	0	0	instável
constante		10	17	6	5	0	0	1	inconstante
previsível		5	13	8	12	0	1	0	imprevisível
cooperativa		17	11	4	6	0	0	1	competitiva
calorosa		7	13	11	7	0	0	1	fria
importante		23	9	4	0	1	1	1	insignificante
satisfatória		22	6	07	2	0	0	2	insatisfatória
reconhecida		9	13	06	8	0	0	3	não reconhecida
Total em percentual		0,37	0,30	0,16	0,15	0,004	0,004	0,012	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade positivo: **sempre**; o número 6 corresponde ao grau positivo: **maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau positivo: **às vezes**; o número 4 corresponde a: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau negativo: **às vezes**; o número 2 corresponde ao grau negativo: **maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau negativo: **sempre**.

De modo geral, os adjetivos opostos que envolvem uma percepção dos estudantes dirigentes do grêmio estudantil quanto à sua participação e a de seus companheiros na entidade é positiva; quase sempre operou numa proporção de mais de três quartos das escolhas incidindo sobre os aspectos de estabilidade, de produtividade, de reconhecimento.

Todavia, em alguns itens, como previsível/imprevisível, o número de respostas menos positivas foi sensivelmente superior à média das outras respostas. Nesse caso, uma das leituras possíveis é a de que não existem regras explícitas quanto à organização e atuação do que se espera dos membros eleitos, donde um maior voluntarismo quanto à atuação.

Quanto ao item cooperativa/competitiva, referente à atuação, houve inúmeras respostas ressaltando a competitividade interna dos sujeitos. Mais uma vez, como não há uma proposta de atuação coletiva, o espaço para a competição se torna favorável, o que explica a condição de destaque dado ao status de se pertencer ao grêmio estudantil e à irrisória atuação política dessa instituição quanto às demandas do espaço político da escola (como se verá mais adiante).

No que se refere ao item reconhecido/não reconhecido, que também extrapolou as respostas negativas, pode ser interpretado como uma parcela de componentes do grêmio que vê suas propostas recusadas pela maioria do grupo. Há que se indagar sobre a qualidade dessas propostas. Em momento oportuno e com o decorrer das pesquisas, voltaremos a este tema.

Segue-se a interpretação dessas questões por período da aplicação do questionário nas escolas (escolas em que o questionário foi aplicado no início do 1º semestre de 2006 e escolas em que o questionário foi aplicado no final do 2º semestre de 2005). Nesse caso, podemos dar ênfase ao último item (reconhecida/não reconhecida), em que a escola B (parte dos alunos desta escola foi entrevistada no final do 2º semestre de 2005) concentrou a sua resposta no item: não reconhecimento. Estará nas suas características singulares as razões desse resultado? Aliás, de modo geral, quanto a este grupo de questões, os estudantes dirigentes do grêmio estudantil que responderam ao questionário no final do segundo semestre de 2005, principalmente os alunos da escola B, foram os que mais deram respostas negativas. Uma análise mais específica das características destes grêmios poderá explicar tal comportamento.

Escala 2.B: Opinião dos estudantes dirigentes do grêmio estudantil das três escolas estudadas quanto à sua participação na agremiação e que responderam ao questionário no primeiro semestre de 2006.

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
produtiva	15	9	2	2	1	0	0	0	improdutiva
estável	16	8	2	3	0	0	0	0	instável
constante	9	12	6	2	0	0	0	0	inconstante
previsível	2	11	8	7	0	1	0	0	imprevisível
cooperativa	14	8	4	3	0	0	0	0	competitiva
calorosa	3	13	10	3	0	0	0	0	fria
importante	19	7	3	0	0	0	0	0	insignificante
satisfatória	17	5	7	0	0	0	0	0	insatisfatória
reconhecida	7	12	6	4	0	0	0	0	não reconhecida
Total em percentual	0,39	0,32	0,18	0,09	0,003	0,003	0	0	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

A opinião dos alunos dirigentes do grêmio estudantil das três escolas entrevistadas no primeiro semestre de 2006 quanto à sua participação na agremiação é expressivamente positiva. Os itens previsível/imprevisível e calorosa/fria destoam um pouco mais das respostas positivas em grau de intensidade (sempre positivo), mas não extrapolam em muito esta positividade, ficando com as respostas “na maioria das vezes” e “às vezes” (positivo). Podemos admitir que os estudantes entrevistados neste período (início de 2006), ainda mantêm um grau de confiabilidade quanto às realizações de seus projetos. Quanto aos itens: previsível e calorosa, que não possuem esta intensidade, podemos supor que se deva à pouca experiência dos estudantes eleitos com trabalhos em equipe (dados levantados pelo questionário apontam que 0,90 desses estudantes nunca

participaram de outras organizações, seja culturais, políticas ou sociais – cf. anexo II). Outro dado que pode ter influenciado as respostas quanto a estes itens é o procedimento do processo de eleição desses estudantes, que muitas vezes ocorre sem discussão e planejamento das ações, fazendo com que algumas pessoas do grupo tomem iniciativas sem consultar os outros membros.

Escala 2.C Opinião dos estudantes dirigentes do grêmio estudantil das duas escolas estudadas quanto à sua participação na agremiação e que responderam ao questionário no segundo semestre de 2005 (escolas A e B).

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
produtiva		2	6	0	2	0	0	0	improdutiva
estável		3	3	0	4	0	0	0	instável
constante		1	5	0	3	0	0	1	inconstante
previsível		3	2	0	5	0	0	0	imprevisível
cooperativa		3	3	0	3	0	0	1	competitiva
calorosa		4	0	1	4	0	0	1	fria
importante		4	2	1	0	1	1	1	insignificante
satisfatória		5	1	0	2	0	0	2	insatisfatória
reconhecida		2	1	0	4	0	0	3	não reconhecida
Total em percentual		0,30	0,26	0,02	0,30	0,01	0,01	0,10	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número **7** mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número **6** corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número **5** corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número **4** corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número **3** corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número **2** corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número **1** corresponde ao grau **negativo: sempre**.

As respostas dos estudantes ao questionário no 2º semestre de 2005 diferem em grau de intensidade em relação às respostas positivas do grupo entrevistado no 1º semestre de 2006. Esta diferença pode ser justificada pelo tempo de atuação dos dirigentes na agremiação que já estavam na direção havia mais de um semestre.

Tabela 2.10 Participação do aluno no grêmio estudantil segundo o que lhe traz satisfação ao participar da diretoria da agremiação.

<i>Escola</i>	<i>Nº de aluno</i>	<i>O que traz satisfação</i>		
		<i>Envolvimento.social</i>	<i>Status</i>	<i>Conhecimento</i>
A*	5	1	2	2
B*	5	5	-	-
B	9	7	1	1
C	7	4	3	-
D	13	12	1	-
Total	39	29	7	3
Proporção	1,00	0,75	0,18	0,07

Observando a tabela 2.10, nossa tendência é de nos surpreendermos com o resultado, pois 0,75 dos entrevistados demonstram, por meio de suas respostas, uma preocupação com o coletivo (por coletivo entenda-se: ajudar nos projetos da escola no que se refere à conservação do patrimônio, organização de festas que revertam fundos para a melhoria do prédio ou materiais para a biblioteca etc. – cf. anexo II). Apenas 0,18 estão preocupados com a própria imagem e as vantagens pessoais de participarem da agremiação estudantil (fazer novas amizades, ser reconhecido, adquirir mais conhecimento pessoal). Porém existem variáveis que podem reverter esta primeira impressão. São elas:

- 1º- os alunos componentes do grêmio estudantil das escolas A e B responderam ao questionário no mês de novembro de 2005. Foram eleitos no primeiro semestre do mesmo ano. Portanto já estavam atuando a mais de um semestre;

2º- os alunos componentes do grêmio estudantil das escolas C e D foram entrevistados no primeiro semestre de 2006, logo após a sua eleição. Assim como a escola B voltou a ser estudada, os estudantes eleitos para o mandato de 2006 responderam ao questionário.

Estas duas questões podem modificar o resultado geral da tabela 2.10 nos seguintes aspectos: analisando separadamente os dois grupos, poderemos verificar que, nas escolas em que os estudantes responderam ao questionário em 2005, existem pelo menos duas tendências: na escola A (central), a satisfação ao participar do grêmio está mais relacionada à ascensão social, ou seja, participar do grêmio estudantil corresponde a adquirir *status*. Os alunos, por exemplo, “se sentem importante”, “adquirem reconhecimento”, ou mesmo conhecimento e amigos. Na escola B (de periferia) as indicações das respostas com relação à satisfação estão mais relacionadas a *ajudar* a escola: “fazer a escola ficar melhor”, “preservação do patrimônio escolar”, “arrumar a escola”, “ajudar os alunos”. Talvez o grau de precariedade da escola B, em relação à escola A, estimule os alunos a se preocupar mais com as condições objetivas da escola.

Na escola A (central), a proporção é de 18 alunos por professor, enquanto na escola B (periferia), a proporção é de 26 alunos por professor. Quanto aos funcionários, na escola A (central), a proporção é de 62 alunos por funcionário, enquanto na escola B (periferia) essa proporção sobe para 136 alunos por funcionário (dados da tabela 2.3). Esta diferença poderia ser um indicador de que, na escola A, a questão estrutural da escola talvez não chame tanta atenção, pois já estaria recebendo atenção.

Ao analisarmos o grupo de escolas em que os alunos membros do grêmio estudantil foram eleitos no primeiro semestre de 2006, ou seja, assim que ganharam as eleições (escolas C, D e B), podemos verificar que a tendência geral está mais para as questões voltadas ao coletivo, porém, ao observarmos as tendências de cada escola, poderemos verificar que, na escola central C, 0,42 alunos estão mais preocupados com as vantagens pessoais (adquirir conhecimento, ser reconhecido, conhecer outras pessoas). Esta proporção em relação a cada escola diferencia-se da primeira leitura. Ainda neste grupo (escolas B e D), as tendências dos alunos das escolas de periferia são semelhantes às do primeiro

grupo da escola (escola B - alunos que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005).

Tabela 2.11 Participação do aluno no grêmio estudantil segundo o que lhe traz insatisfação ao participar da diretoria da agremiação.

Escola	<i>Nº de aluno</i>	O que não traz satisfação		
		<i>Falta de colab. (colegas)</i>	<i>Não reconhec. (colegas e dir.)</i>	<i>Falta apoio (direção)</i>
A*	5	2	2	1
B*	5	1	2	2
B	9	2	2	5
C	7	2	-	5
D	13	11	1	1
Total	39	18	7	14
Proporção	1,00	0,46	0,18	0,36

Nota: A* e B* designam as escolas em que os estudantes responderam ao questionário em 2005.

Ao fazermos uma leitura de maneira geral, o maior fator de insatisfação é a falta de colaboração dos colegas. Devido à diferenciação do número de alunos entrevistados por escola e à concentração da resposta da escola D em um dos itens, é necessário analisarmos caso a caso. Na escola A* (central), a insatisfação está na não colaboração dos colegas e no não reconhecimento deles e da direção escolar com relação ao trabalho desenvolvido pelo grêmio. Já na escola B* (periferia), a questão maior não é a colaboração dos colegas, e sim a falta de reconhecimento tanto dos colegas como da direção escolar, assim como a falta de apoio da direção. O grupo de alunos entrevistados em 2006 concentra a sua insatisfação principalmente na falta de apoio da direção escolar. A escola C (central) também concentra a sua insatisfação na falta de

apoio da direção escolar; quanto à escola D (periferia), esta, sim, manifesta sua quase total insatisfação com a falta de colaboração dos colegas. Porém, em se tratando da escola D, existem algumas características que podem ser avaliadas e que talvez concorram para que esta falta de colaboração seja tão explícita. Considere-se, por exemplo: 1) a escola D é uma escola que funciona no regime compartilhado (atende alunos do Estado e da prefeitura), e, de acordo com a descrição da escola, os alunos do Estado participaram de um processo de eleição, enquanto os alunos do município participaram de outro; 2) no período da manhã, a escola atende tanto alunos do Estado como também alunos do município; no mesmo período, o Estado atende alunos do ensino médio, desde o 1º até o 3º ano (cinco classes de 1ºEM, duas classes de 2ºEM e duas classes de 3ºEM); no período noturno, o Estado atende alunos do ensino fundamental II, ensino médio (EJA) e todas as séries do ensino médio regular; 3) apenas alunos do 2ºEM do período da manhã fazem parte do grêmio estudantil da escola; a chapa concorrente e perdedora era do período noturno. Talvez a formação das chapas devesse obedecer a um critério de representar o máximo possível das séries e dos turnos. Os alunos que não se sentem representados certamente pouco colaborarão na execução dos projetos.

Dos alunos participantes da diretoria do grêmio estudantil das escolas A* e B*, antes de serem eleitos, apenas 0,20 de escola B* havia participado de outra organização social. Entre os alunos de escola central, 0,40 dos entrevistados também já participavam de outra organização social (vide anexo II). No que concerne à influência que participação do grêmio estudantil exerce no sentido de levá-los a participar de outras organizações, apenas 0,10 do total dos entrevistados (escola central e de periferia) responderam positivamente. Mais um indicador que nos leva a crer que o fato de o aluno participar da agremiação estudantil não influencia o ingresso do mesmo em outras organizações sociais e políticas.

2.7. Relacionamento do aluno membro do grêmio estudantil com os colegas de classe e demais colegas de escola, professores, professores coordenadores, direção escolar e funcionários.

As escalas serão apresentadas:

- 1) com o resultado geral dos estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005 e 1º semestre de 2006 (total geral);
- 2) (separadamente) resultado obtido na aplicação do questionário aos alunos dirigentes do grêmio estudantil no 1º semestre de 2006;
- 3) (separadamente) resultado obtido na aplicação do questionário aos alunos dirigentes do grêmio estudantil no 2º semestre de 2005.

Observando a escala de 7 a 1 (do maior para o menor) procuramos investigar o grau de intensidade das respostas dos alunos quanto ao seu relacionamento com os diversos segmentos da escola, observando o gradiente dos adjetivos opostos.

Escala 2.D: Relacionamento do aluno dirigente do grêmio estudantil com os colegas de classe e demais colegas de escola (total das quatro escolas).

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
amistosa	26	5	5	3	0	0	0	0	não amistosa
convergente	15	12	8	3	0	1	0	0	divergente
afetiva	11	15	7	4	0	2	0	0	sem afeto
produtiva	18	8	7	4	0	2	0	0	improdutiva
estável	13	18	2	4	1	1	0	0	instável
constante	14	14	5	4	1	1	0	0	inconstante
justa	23	9	5	1	1	0	0	0	injusta
previsível	17	10	9	3	0	0	0	0	imprevisível
cooperativa	17	12	5	4	1	0	0	0	competitiva
calorosa	16	10	8	4	1	0	0	0	fria
Total em percentual	0,43	0,29	0,16	0,09	0,01	0,02	0,00	0,00	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

Ao observarmos as respostas registradas na escala acima, podemos verificar que, em sua maioria, a avaliação que eles fazem do próprio relacionamento com os colegas de classe e com os demais colegas da escola é positiva. Assim, quando principalmente o grupo de alunos da escola D (periferia de Barueri-SP) afirma que a maior insatisfação de participar da diretoria do grêmio estudantil está na falta de colaboração dos colegas, estes dizem agir de maneira inversa.

Escala 2.E: Relacionamento do aluno membro do grêmio estudantil com os colegas de classe e demais colegas de escola (alunos que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006):.

+ 7 6 5 4 3 2 1 -

amistosa	7	1	2	0	0	0	0	não amistosa
convergente	10	11	5	3	0	0	0	divergente
afetiva	7	14	5	3	0	0	0	sem afeto
produtiva	15	8	3	3	0	0	0	improdutiva
estável	10	15	2	2	0	0	0	instável
constante	11	12	4	2	0	0	0	inconstante
justa	17	9	3	0	0	0	0	injusta
previsível	12	9	6	2	0	0	0	imprevisível
cooperativa	13	11	4	0	1	0	0	competitiva
calorosa	12	7	8	2	0	0	0	fria
Total em percentual	0,44	0,35	0,147	0,06	0,003	0,00	0,00	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

Analisando o grupo de estudantes dirigentes do grêmio estudantil nas escolas em que o questionário foi aplicado no 1º semestre de 2006, podemos observar que o percentual negativo é quase zero, ao passo que, nas escolas onde

os estudantes dirigentes do grêmio estudantil responderam ao questionário no 2º semestre de 2005, a situação não é a mesma. Vejamos a tabela a seguir.

Escala 2.F: Relacionamento do aluno membro do grêmio estudantil com os colegas de classe e demais colegas de escola (alunos que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005)

+ 7 6 5 4 3 2 1 -

Amistosa	7	1	2	0	0	0	0	não amistosa
convergente	5	1	3	0	0	1	0	divergente
afetiva	4	1	2	1	0	2	0	sem afeto
produtiva	3	0	4	1	0	2	0	improdutiva
estável	3	3	0	2	1	1	0	instável
constante	3	2	1	2	1	1	0	inconstante
justa	6	0	2	1	1	0	0	injusta
previsível	5	1	3	1	0	0	0	imprevisível
cooperativa	4	1	1	4	0	0	0	competitiva
calorosa	4	3	0	2	1	0	0	fria
Total em percentual	0,43	0,13	0,18	0,14	0,04	0,07	0,0	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

Como vimos afirmando, ao observarmos os grupos de estudantes dirigentes do grêmio estudantil separadamente, de acordo com o período de aplicação do questionário, as respostas não continuam com a mesma intensidade positiva que obtemos quando analisadas em seu conjunto. As divergências e críticas são mais perceptíveis. Observemos os itens: afetiva/sem afeto; produtiva/improdutiva; estável/instável; constante/inconstante. Os mesmos chegam a 0,40 em intensidade

negativa, o que não aparece ao analisarmos apenas o conjunto (total de estudantes que responderam ao questionário da Tabela 2.5).

Escala 2.G: Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com os professores da escola (total dos estudantes das quatro escolas pesquisadas).

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
fácil	13	14	4	4	0	4	0	difícil	
simples	19	11	2	4	0	2	1	complicado	
tolerante	11	17	3	4	0	3	1	intolerante	
incentivadora	13	10	9	4	0	3	0	refreadora	
boa	17	8	9	2	0	3	0	ruim	
contínua	13	14	5	6	0	1	0	truncada	
estável	16	10	6	4	1	2	0	instável	
previsível	11	14	6	6	0	2	0	imprevisível	
produtiva	18	13	2	5	0	1	0	improdutiva	
cooperativa	16	11	5	6	0	1	0	competitiva	
Total em percentual	0,38	0,31	0,13	0,113	0,002	0,06	0,005	1,00	

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

Quanto ao relacionamento do aluno membro do grêmio estudantil com os professores da escola, no que diz respeito ao apoio (itens: fácil/difícil; simples/complicado; tolerante/intolerante), os estudantes consideram-no intensamente positivo, da perspectiva de uma análise global, assim como os demais adjetivos opostos à intensidade positiva são de 0,82.

Escala 2.H: Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com os professores da escola (total dos estudantes que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006).

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
fácil	10	13	3	3	0	0	0		difícil
simples	16	10	1	1	0	0	1		complicado
tolerante	9	15	2	2	0	0	1		intolerante
incentivadora	11	9	7	2	0	0	0		refreadora
boa	14	8	5	2	0	0	0		ruim
contínua	8	13	5	3	0	0	0		truncada
estável	14	9	4	2	0	0	0		instável
previsível	9	12	6	2	0	0	0		imprevisível
produtiva	14	11	2	2	0	0	0		improdutiva
cooperativa	13	9	4	3	0	0	0		competitiva
Total em percentual		0,42	0,37	0,13	0,074	0,0	0,0	0,0	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

Analisando os grupos separadamente, a intensidade positiva aparece mais nas respostas dos alunos que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006. Observando a escala acima (2.H), 0,90 responderam que a relação é fácil/acessível. Com relação aos itens simples/complicado, a positividade chega a 0,93, e, nos itens tolerante/intolerante, 0,89. Como vimos discutindo, se fizermos a leitura da tabela apenas contabilizando o total de estudantes que responderam ao questionário, o resultado deverá parecer sempre positivo. No entanto, se observarmos as escolas que foram entrevistadas no ano de 2005, nas quais os alunos já contavam com pelo menos um semestre de mandato, verificaremos que o

resultado quanto ao grau de positividade fica abaixo da proporcionalidade computada no geral.

Escala 2.I: Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com os professores da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005)

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
fácil		3	1	1	1	0	4	0	difícil
simples		3	1	1	3	0	2	0	complicado
tolerante		2	2	1	2	0	3	0	intolerante
incentivadora		2	1	2	2	0	3	0	refreadora
boa		3	0	4	0	0	3	0	Ruim
contínua		5	1	0	3	0	1	0	truncada
estável		2	1	2	2	1	2	0	instável
previsível		2	2	0	4	0	2	0	imprevisível
produtiva		4	2	0	3	0	1	0	improdutiva
cooperativa		3	2	1	3	0	1	0	competitiva
Total em percentual		0,29	0,13	0,12	0,23	0,01	0,22	0,0	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

A aplicação do questionário em períodos distintos difere quanto ao resultado das respostas. Assim, a avaliação quanto ao relacionamento dos estudantes dirigentes do grêmio com os professores da escola, nesta escala (2.I) não se mostra tão positiva quanto foi para os estudantes dirigentes do grêmio estudantil que responderam ao questionário no início de 2006.

Nas escolas em que a entrevista se deu no ano de 2006, logo após a eleição da diretoria do grêmio, as respostas têm um grau de positividade mais

intenso, de modo que podemos supor que os estudantes eleitos ainda não passaram pela experiência de vivenciar esta relação enquanto membros de uma entidade estudantil. Estão confiantes de que poderão contar com apoio dos professores no processo de gestão de seu mandato.

Escala 2.J: Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com o professor coordenador (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005 e 1º semestre de 2006)

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
fácil	19	7	4	3	0	4	0	difícil	
simples	19	9	3	6	0	2	0	complicado	
tolerante	17	8	4	7	0	3	0	intolerante	
incentivadora	17	12	5	2	0	3	0	refreadora	
boa	24	5	6	1	0	3	0	ruim	
contínua	17	9	7	5	0	1	0	truncada	
estável	15	10	7	4	1	2	0	instável	
previsível	14	11	5	7	0	2	0	imprevisível	
produtiva	20	11	0	7	0	1	0	improdutiva	
cooperativa	20	9	5	4	0	1	0	competitiva	
Total em percentual	0,47	0,23	0,12	0,128	0,002	0,05	0,0	1,00	

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**

Com referência ao relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com o professor coordenador, o grau de intensidade positiva ultrapassa o percentual de 0,80 no que diz respeito ao estímulo (boa/ruim; estável/instável; previsível/imprevisível). Geralmente, os alunos da escolas

estudadas entendem que o estímulo é dado, porém as análises feitas separadamente não apontam somente para o resultado desta análise global. Vejamos as escalas 2.L e 2.M.

Escala 2.L: Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com o professor coordenador da escola (estudantes que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006)

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
fácil	16	6	3	4	0	0	0	0	difícil
simples	16	8	2	3	0	0	0	0	complicado
tolerante	15	6	3	5	0	0	0	0	intolerante
incentivadora	15	11	3	0	0	0	0	0	refreadora
boa	21	5	2	1	0	0	0	0	ruim
contínua	12	8	7	2	0	0	0	0	truncada
estável	13	9	5	3	0	0	0	0	instável
previsível	12	9	5	3	0	0	0	0	imprevisível
produtiva	16	9	4	0	0	0	0	0	improdutiva
cooperativa	17	7	4	1	0	0	0	0	competitiva
Total em percentual		0,53	0,27	0,13	0,07	0,0	0,0	0,0	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

A existência da variável quanto ao período da entrevista e o tempo de atuação dos dirigentes do grêmio estudantil tem nos confirmado, a todo momento, que faz uma diferença fundamental observarmos estes dados, pois os mesmos mostram que as respostas variam em função dessa variável. Mais uma vez os dados comprovam que os alunos entrevistados ainda no seu início de gestão fazem com que as

respostas tenham um grau de positividade mais intenso que aqueles que responderam ao questionário quase no final do mandato. Veja-se a escala a seguir:

Escala 2.M: Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com o professor coordenador da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005)

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
fácil	3	1	1	1	0	4	0		difícil
simples	3	1	1	3	0	2	0		complicado
tolerante	2	2	1	2	0	3	0		intolerante
incentivadora	2	1	2	2	0	3	0		refreadora
boa	3	0	4	0	0	3	0		ruim
contínua	5	1	0	3	0	1	0		truncada
estável	2	1	2	2	1	2	0		instável
previsível	2	2	0	4	0	2	0		imprevisível
produtiva	4	2	0	3	0	1	0		improdutiva
cooperativa	3	2	1	3	0	1	0		competitiva
Total em percentual		0,29	0,13	0,12	0,23	0,01	0,22	0,0	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

Ao analisarmos separadamente o grupo de escolas pesquisadas em períodos distintos, constatamos que, no cômputo geral, essas diferenças são diluídas e camufladas, escondendo o grau de intensidade negativo com relação a este ou estes relacionamentos dentro das escolas.

Escala 2.N Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com a direção da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005 e 1º semestre de 2006)

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
fácil		13	9	7	5	0	5	0	difícil
simples		14	10	5	7	1	2	0	complicado
tolerante		11	12	4	8	1	3	0	intolerante
incentivadora		11	10	7	8	0	3	0	refreadora
boa		18	7	8	2	1	3	0	ruim
contínua		11	14	6	7	0	1	0	truncada
estável		13	11	8	3	2	2	0	instável
previsível		10	11	8	8	0	2	0	imprevisível
produtiva		15	10	8	5	0	0	0	improdutiva
cooperativa		26	12	4	5	1	1	0	competitiva
Total em percentual		0,37	0,25	0,17	0,15	0,01	0,05	0,0	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

O relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com a direção de escola nos itens apoio (fácil/difícil; simples/complicado; tolerante/intolerante) aos membros do grêmio quanto à sua atuação, confirma em parte a resposta dada na tabela 2.11 (a participação do aluno na diretoria do grêmio estudantil segundo o que lhe traz insatisfação): 0,36 dos alunos entrevistados consideram que não há apoio por parte da direção. Esta proporção é mais elevada principalmente na escola B*, onde 0,60 dos alunos sentem esta falta de apoio, assim como a escola A*, onde a proporção é de 0,40. As escolas cujos grêmios estão iniciando sua atuação estão revestidos de confiança de que este apoio deverá ocorrer durante a sua gestão. Talvez isto

aconteça devido ao 'incentivo' dado aos alunos no início do ano para a formação dos grêmios. Este 'incentivo', a partir do ano de 2003, passa a fazer parte da soma de número de pontos, em escala de 0 (zero) a 25 (vinte e cinco), no que se refere à avaliação do desenvolvimento da escola. A existência do grêmio estudantil, desde que a eleição tenha ocorrido entre 10 de fevereiro e 31 de maio de cada ano (vide anexo III) conta 5 (cinco) pontos na avaliação da escola, o que deverá incidir no bônus (gratificação extra) dos professores e da equipe de gestão escolar.

Escala 2.0 Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com a direção da escola (estudantes que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006)

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
fácil	10	8	6	4	0	1	0	0	difícil
simples	11	9	4	4	1	0	0	0	complicado
tolerante	9	10		9	1	0	0	0	intolerante
incentivadora	9	9	5	6	0	0	0	0	refreadora
boa	15	7	4	2	1	0	0	0	ruim
contínua	6	13	6	4	0	0	0	0	truncada
estável	11	10	6	1	1	0	0	0	instável
previsível	8	9	8	4	0	0	0	0	imprevisível
produtiva	11	8	8	2	0	0	0	0	improdutiva
cooperativa	13	10	3	2	1	0	0	0	competitiva
Total em percentual	0,37	0,29	0,18	0,14	0,01	0,003	0,0	0,99	

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

Como estamos vendo, o grau de intensidade positiva neste grupo de estudantes em que o questionário de pesquisa foi aplicado logo após sua eleição tem vários fatores que estão estimulando as respostas, como é o caso do bônus, por exemplo.

Escala 2.P: Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com a direção da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005)

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
fácil		3	1	1	1	0	4	0	difícil
simples		3	1	1	3	0	2	0	complicado
tolerante		2	2	1	2	0	3	0	intolerante
incentivadora		2	1	2	2	0	3	0	refreadora
boa		3	0	4	0	0	3	0	ruim
contínua		5	1	0	3	0	1	0	truncada
estável		2	1	2	2	1	2	0	instável
previsível		2	2	0	4	0	2	0	imprevisível
produtiva		4	2	0	3	0	1	0	improdutiva
cooperativa		3	2	1	3	0	1	0	competitiva
Total em percentual		0,29	0,13	0,12	0,23	0,01	0,22	0,0	1,00

Nota: 1) A escala de 7 a 1 corresponde a medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

Observando esta escala (2.P) verificamos que as repostas camufladas aparecem, no geral, com um grau de diferenciação elevado para estes estudantes. Assim, os alunos entrevistados quase ao final do mandato e tendo vivenciado essas relações não atribuem um grau de positividade muito elevado.

Escala 2.Q: Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com funcionários da secretaria e inspetor da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005 e 1º semestre de 2006)

+ 7 6 5 4 3 2 1 -

fácil	17	7	6	5	0	0	5	difícil
simples	18	4	7	7	0	2	1	complicado
Tolerante	11	11	4	7	3	3	0	intolerante
incentivadora	12	8	8	7	1	3	0	refreadora
boa	18	3	11	3	0	4	0	ruim
contínua	16	6	7	9	0	1	0	truncada
estável	12	12	6	5	2	2	0	instável
previsível	10	10	9	8	0	2	0	imprevisível
produtiva	14	9	6	8	0	2	0	improdutiva
cooperativa	15	8	6	6	4	0	0	competitiva
Total em percentual	0,37	0,18	0,21	0,17	0,02	0,04	0,01	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

No que toca ao relacionamento com funcionários da escola, os estudantes dirigentes do grêmio estudantil consideram positivo, com percentual superior a 0,70. Alguns itens tais como: tolerante/intolerante; incentivadora/refreadora; estável/instável, estão mais diluídos e chegam aos graus negativos.

Escala 2.R: Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com funcionários da secretaria e inspetor da escola (estudantes que responderam ao questionário no 1º semestre de 2006)

+ 7 6 5 4 3 2 1 -

fácil	14	6	4	4	0	0	1	difícil
simples	15	3	6	4	0	0	1	complicado
tolerante	9	9	3	5	3	0	0	intolerante
incentivadora	10	7	6	5	1	0	0	refreadora
boa	15	3	7	3	0	0	1	ruim
contínua	11	5	7	6	0	0	0	truncada
estável	10	11	4	3	1	0	0	instável
previsível	8	8	9	4	0	0	0	imprevisível
produtiva	10	7	6	5	0	1	0	improdutiva
cooperativa	12	6	5	1	3	0	0	competitiva
Total em percentual	0,42	0,23	0,19	0,13	0,02	0,003	0,006	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

Nesta escala, observamos que o grau de intensidade positivo está diluído, mas não chega a atingir grandes proporções negativas.

Escala 2.S: Relacionamento do estudante dirigente do grêmio estudantil com funcionários da secretaria e inspetor da escola (estudantes que responderam ao questionário no 2º semestre de 2005)

	+	7	6	5	4	3	2	1	-
fácil		3	1	1	1	0	4	0	difícil
simples		3	1	1	3	0	2	0	complicado
tolerante		2	2	1	2	0	3	0	intolerante
incentivadora		2	1	2	2	0	3	0	refreadora
boa		3	0	4	0	0	3	0	ruim
contínua		5	1	0	3	0	1	0	truncada
estável		2	1	2	2	1	2	0	instável
previsível		2	2	0	4	0	2	0	imprevisível
produtiva		4	2	0	3	0	1	0	improdutiva
cooperativa		3	2	1	3	0	1	0	competitiva
Total em percentual		0,29	0,13	0,12	0,23	0,01	0,22	0,0	1,00

Nota: a escala de 7 a 1 corresponde à medida dos intervalos dos adjetivos opostos. O número 7 mede o grau de intensidade **positivo: sempre**; o número 6 corresponde ao grau **positivo: maioria das vezes**; o número 5 corresponde ao grau **positivo: às vezes**; o número 4 corresponde: **nem uma coisa nem outra ou igual**; o número 3 corresponde ao grau **negativo: às vezes**; o número 2 corresponde ao grau **negativo: maioria das vezes**; o número 1 corresponde ao grau **negativo: sempre**.

Diferentemente das escalas anteriores (2.Q e 2.R), o grau de negatividade é mais intenso, comprovando que o contexto das aplicações do questionário interferem no resultado.

CONCLUSÃO

A análise dos dados aqui apresentados teve como objetivo, segundo a delimitação do problema proposto, constatar: a) a perspectiva do aluno participante da diretoria do grêmio estudantil de sua escola com relação à sua atuação na entidade do grêmio estudantil; b) a partir do ponto de vista do aluno membro do grêmio estudantil, identificar como é percebida por ele a relação com os colegas da escola, com os professores, professores coordenadores, direção escolar e funcionários. Eles (os alunos) percebem ou não a existência de apoio, estímulo ou obstáculo por parte dos componentes desses segmentos?

Ao levantarmos os dados sobre o perfil dos estudantes quanto à idade, sexo e série que freqüentam no corrente ano, verificamos que os participantes da agremiação são, em sua totalidade, alunos do ensino médio, apesar de as escolas A e B, que são totalmente administradas pela SEESP, atenderem também o ensino fundamental do ciclo II. A composição das diretorias é, em sua maioria, de estudantes do sexo masculino (0,70). Ainda com relação à formação das chapas, o que se observa é que as mesmas se formam com integrantes de alunos de um mesmo período, mesmo que a escola atenda outros turnos, ou, o que é mais grave, com estudantes apenas de uma sala ou série.

Outro elemento que pode interferir sensivelmente na atuação dos alunos da agremiação refere-se à constatação de que um terço dos alunos trabalha e outro terço está à procura de uma ocupação remunerada. Isto interfere na organização dos membros do grupo, que podem reunir-se, segundo a pesquisa, apenas no período em que freqüentam as aulas, utilizando os intervalos que duram, no máximo, 30 minutos, ou perdendo aulas para concluir os assuntos da reunião. Talvez a dificuldade de reunir-se em outro período justifique a forma como compõem as chapas para o processo de eleição. Percebe-se a ausência de regras explícitas quanto à organização e atuação dos membros eleitos.

Assim, os atritos internos ao próprio grupo e a falta de planejamento de atuação da equipe acabam levando os membros a se desentender entre si. As

divergências aparecem nas respostas em que os componentes do mesmo grupo atribuem papéis diferenciados à agremiação (anexo II).

A pesquisa também aponta que, do total dos alunos pesquisados, apenas 0,20 haviam participado de uma outra organização cultural, social ou política, demonstrando a pouca ou quase nenhuma experiência de trabalhos em equipe.

Em relação à diferenciação das escolas centrais e de periferia, o grau de precariedade estrutural das escolas, principalmente de periferia, parece influenciar nas respostas dos alunos. Os alunos da escola A (escola central), por exemplo, ao responderem sobre o que lhes causa satisfação em participar do grêmio estudantil, indicam aspectos relacionados a *status* e amizades, sugerindo que a sua participação está voltada mais para as satisfações individuais do que as coletivas. Os alunos da escola de periferia (B e D) parecem indicar o inverso, pois, ao responder à mesma questão, revelam preocupações com a melhoria da escola, tais como arrumar e manter o patrimônio público e ajudar a escola e os alunos (envolvimento social). Estariam esses alunos priorizando as questões coletivas em detrimento das questões pessoais? O que nos faz refletir sobre o significado desses dados são as respostas às questões que indicam a opinião pessoal do representante do grêmio quanto à organização e atuação do grupo na escola: tanto os alunos da escola central A* como os alunos da escola de periferia B* são unânimes em concordar que o grêmio estudantil deve ficar com a organização de jogos e entretenimentos culturais, deixando outras necessidades por conta dos alunos. Já os alunos das escolas C e D, entrevistados no início do seu mandato, não concordam com esta afirmação. Será que no processo de atuação mudarão de idéia?

Ao tratarmos das relações entre os dirigentes do grêmio estudantil e demais setores da escola, principalmente a relação dos professores com a atuação do grêmio estudantil, ou do professor coordenador com a atuação do grêmio, ou ainda da direção escolar e dos funcionários com a atuação do grêmio, os alunos da escola B consideram que estes segmentos mais obstaculizam que apóiam ou estimulam a sua atuação. Já entre os alunos entrevistados no início do mandato (escolas B, C e D), a maioria absoluta aponta para o fato de que esses segmentos (professores, professor

coordenador, direção escolar e funcionários) apóiam e estimulam a ação do grêmio. O problema maior, principalmente para o grupo da escola D, são os colegas da escola que obstaculizam sua ação.

Esses dados evidenciam a potencialidade e credibilidade de que os alunos gozam no início de sua atuação. Porém, é possível detectar também que o processo de formação dos grupos que compõem o grêmio parece não ter surgido de uma discussão e diálogo mais amplos. Tomemos como exemplo os níveis de ensino dos membros que compõem os grupos, as séries ou a série (caso da escola D, que é composto por uma única série, o 2º ano do ensino médio do período da manhã): os outros períodos não estão representados, e, como vimos, os alunos membros da diretoria fazem as suas reuniões no seu período de aula. Enfim, talvez a imposição do grêmio (através do bônus) e conseqüente erradicação de um processo de construção e diálogo esvazia o potencial crítico e reserva este espaço quase que exclusivamente para a sociabilidade, seja no nível da interação de grupo, seja quanto ao entretenimento ou às demandas materiais. Em qualquer dos casos, a institucionalização se mostra eficaz na erradicação de uma postura de intervenção, percepção mais ampliada e mais crítica.

O estudante precisa sempre ser tutelado? Qual seria o caminho para mudar esta prática?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BENJAMIN, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- DURKHEIM, E. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- FERREIRA, S. C. *Grêmios Estudantil: um disparador de subjetividades coletivas e emancipatórias*. Tese de Doutorado. São Paulo: FEUSP, 2002.
- GHANEM, E. *Os grêmios livres e o movimento secundarista*. Caderno CEDI, nº 18, janeiro de 1989.
- GIOVINAZZO JR., C. A. *A educação escolar segundo os adolescentes: um estudo sobre a relação entre a escola e seus alunos*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 2003.
- HORKHEIMER, M. & ADORNO, T. W. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- IANNI, O. "O Jovem Radical". In: BRITTO, S. *Sociologia da Juventude, I. Da Europa de Marx à América Latina de Hoje*. Trad. de Narciso José de Melo Teixeira e Luis Claudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- JOHNSON, M. Harry. *Introdução sistemática ao estudo da sociologia*. Rio de Janeiro: Lidador, 1967.
- LANE, S. T. M. *Significado Psicológico de Palavras em Diferentes Grupos Sócio-Culturais*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC, 1972.
- MARCUSE, H. *A Ideologia da Sociedade Industrial. O homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- _____. *A grande recusa hoje*. Organização: Isabel Loureiro. Tradução: Isabel Loureiro e Robespierre de Oliveira. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- _____. *Eros e Civilização: Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: JC, 1999.

- MARX, K. "Trabalho, Juventude e Educação Politécnica". In: BRITTO, S. *Sociologia da Juventude, I. Da Europa de Marx à América Latina de Hoje*. Trad. de Narciso José de Melo Teixeira e Luis Claudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- SASS, O. *O que pensam os jovens universitários brasileiros*. São Paulo: UNE (União Nacional dos Estudantes), 1995.
- SOGAME, M. *Metropolização e Segregação Sócio-espacial: o loteamento Jardim Gianetti em Ferraz de Vasconcelos*. Dissertação de mestrado em geografia. Presidente Prudente: Universidade Estadual de São Paulo, 1999.
- SPOSITO, M.E.B. *Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas*. Revista de Geografia Dourados, nº 4, p.71 – 85, set/dez 1996.
- PESCUMA, D. *O Grêmio Estudantil Uma Realidade a Ser Conquistada*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1990.
- POERNER, A. J. *O Poder Jovem*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira Ltda., 1968.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

**ANEXO I : QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES
DIRIGENTES DO GRÊMIO ESTUDANTIL.**

PESQUISA/ QUESTÕES/ 2º Sem de 2005 e 1º SEM DE 2006

Prezado(a) aluno(a) do Ensino Fundamental e Ensino Médio,

Eu, Aparecida da Graça Carlos, professora da rede estadual de ensino estou realizando uma pesquisa com o objetivo de conhecer melhor a participação dos jovens no “Grêmio estudantil”. Nesse sentido, esse estudo busca indicar caminhos alternativos para enfrentarmos as dificuldades e ou indicar dados que nos façam refletir sobre o papel do grêmio estudantil nas unidades escolares. Para tanto, necessito conhecer quem são esses jovens e como se relacionam com os grêmios estudantis.

O questionário foi formulado de maneira a não identificar quem o responder.

Todas as questões visam apenas à coleta de informações ou de opiniões: como vivem, com quem convivem, onde trabalham o seu conhecimento e avaliação sobre o “grêmio estudantil” (o que é, qual a finalidade, como atua), sua opinião sobre assuntos gerais e, finalmente, seus interesses e planos para o futuro.

Contamos com a sua franqueza e paciência em responder o questionário.

Leia com atenção antes de responder as questões. **Não há respostas certas ou erradas. Por favor, não deixe nenhuma questão sem resposta!**

1. Qual série você cursa atualmente ?

2. Sexo:

3. Em que ano você nasceu?

4. Você trabalha?

() Sim

() No momento não, mas já trabalhei

() Nunca trabalhei

() Nunca trabalhei, mas estou procurando trabalho

5. Você já concluiu o ensino fundamental?

sim

não

Se já concluiu, quanto tempo levou para cursá-lo?

Menos de 8 anos

9 anos

10 anos.

11 anos.

Mais de 11 anos

6. É a primeira vez que participa da diretoria de um grêmio estudantil?

sim

não

7. Antes do grêmio estudantil, você já havia participado de alguma outra organização social, política ou cultural tais como:

Associação de Amigos de Bairro

Centro Comunitário

Conselho de Escola

Partido político

Grupo teatral

outros.....

Não participou de nenhuma outra associação

8. A sua participação no grêmio estudantil, levou-o (a) participar de outra organização social ou cultural?

sim

não

Se a sua resposta é sim, qual ou quais organização política, cultural ou social você participa hoje?

.

9. Sobre sua casa:

		Não
É própria		
É alugada		
É em rua calçada ou asfaltada?		
Tem água corrente da torneira?		
Tem eletricidade?		
Tem rede de esgoto?		
Tem serviço de correio		

10 Marque com X até quando seu pai e sua mãe estudaram?

	Pai	Mãe
Não estudou.		
Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).		
Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).		
Ensino médio (2º grau) incompleto.		
Ensino médio (2º grau) completo.		
Ensino superior incompleto		
Ensino superior completo.		
Pós-graduação		
Não sei		

11. Marque com um “X” em que seu pai e sua mãe trabalham ou trabalharam, na maior parte da vida?

	Pai	Mãe
Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.		
Na indústria.		
No comércio, banco, transporte ou outros serviços.		
Funcionário público do governo federal, estadual ou do município, ou militar.		
Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior.		
Trabalhador do setor informal(sem carteira assinada).		
Trabalha em casa em serviços(costura, cozinha, aulas particulares, etc.)		
No lar.		
Não trabalha.		
Não sei.		

12. Somando a sua renda e das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Nenhuma renda | <input type="checkbox"/> De R\$ 1.501,00 a R\$ 3.000,00 |
| <input type="checkbox"/> De R\$ 50,00 Até R\$ 300,00 | <input type="checkbox"/> De R\$ 3.001,00 a R\$ 6.000,00 |
| <input type="checkbox"/> De R\$ 301,00 a R\$ 600,00 | <input type="checkbox"/> De R\$ 6.001, 00 a R\$ 9.000,00 |
| <input type="checkbox"/> De R\$ 601,00 a R\$ 900,00 | <input type="checkbox"/> De R\$ 9.001,00 a R\$ 15.000,00= |
| <input type="checkbox"/> De R\$ 901,00,00 a R\$ 1.500,00 | <input type="checkbox"/> Mais de R\$ 15.000,00. |

13. Assinale qual a quantidade disponível em sua casa de cada um dos seguintes itens:

	Não tem	1	2	3 ou mais
Televisão				
Videocassete				
DVD				
Rádio				
Microcomputador				
Automóvel				
Máquina de lavar roupa				
Geladeira				
Telefone fixo				
Telefone celular				
Acesso à Internet				
Televisão por assinatura				
empregada				
aspirador de pó				
freezer				

As questões 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20, estão organizadas em forma de escala. São 7 espaços dentro do qual deverão ser avaliados os aspectos que queremos.

Nas páginas seguintes você encontrará questões que dizem respeito a sua participação no grêmio estudantil, assim como a sua relação enquanto membro de tal agremiação com os demais setores da comunidade escolar. A cada questão deverá seguir logo abaixo algumas escalas, cada uma com dois adjetivos opostos, um em cada ponta.

Você irá responder fazendo um X em cada escala para mostrar o que 'o segmento (no alto da página) quer dizer para você.

Exemplo:

ESCOLA

necessária	X							desnecessária
------------	----------	--	--	--	--	--	--	---------------

1- Se você marcar no 1º espaço (como aí) é que você acha que a escola é **sempre** necessária. Se você marcar no último espaço, assim:

necessária							X	desnecessária
------------	--	--	--	--	--	--	----------	---------------

é que você acha que escola é **sempre** desnecessária.

2- Se você achar que escola é na **maioria das vezes**, mas não sempre necessária, você marca assim:

necessária		X						desnecessária
------------	--	----------	--	--	--	--	--	---------------

Se você achar que é na **maioria das vezes** desnecessária, marque assim:

necessária						X		desnecessária
------------	--	--	--	--	--	----------	--	---------------

3- Se você achar que escola é **às vezes** necessária, você marca assim:

necessária			X					desnecessária
------------	--	--	----------	--	--	--	--	---------------

Ou se é **às vezes** desnecessária, assim:

necessária					X			desnecessária
------------	--	--	--	--	----------	--	--	---------------

4- Mas se você achar que a escola **não é nem** necessária **nem** desnecessária, marque assim:

necessária				X				desnecessária
------------	--	--	--	----------	--	--	--	---------------

Ao responder as questões deixe que os seus sentimentos guiem suas respostas.

ASSINALE APENAS UM ESPAÇO, o que estiver mais próximo dos seus sentimentos.

20. A sua relação com funcionários da secretaria e inspetor da escola é:

fácil								difícil
simples								complicado
tolerante								intolerante
incentivadora								refreadora
boa								ruim
continua								truncada
estável								instável
previsível								imprevisível
produtiva								improdutiva
cooperativa								competitiva

21. Enumere 3 aspectos que mais lhe dão satisfação ao participar do grêmio estudantil: (do mais satisfatório para menos satisfatório)

1

2º

3º

22. Enumere os 3 aspectos que mais lhe dão insatisfação ao participar do grêmio estudantil: (do mais insatisfatório para menos insatisfatório)

1º

2º

3º

PARA RESPONDER AS QUESTÕES 23 E 24: Em cada um dos itens abaixo, escreva o número que mais se aproxima da **sua opinião**.

1. discordo ou 2. concordo

23. Quanto ao grêmio estudantil:

- a () O grêmio estudantil faz o que pode pelos alunos, principalmente pela boa atuação dos componentes do grupo.
- b- () O grêmio faz o que pode pelos alunos, apesar da péssima atuação do grupo.
- c- () O grêmio não faz o que pode pelos alunos, apesar da boa atuação do grupo
- d () O grêmio não faz o que pode, apesar da ampla participação dos alunos.
- e () O grêmio faz o que pode, apesar da ampla participação dos alunos.
- f- () O grêmio faz o que pode, apesar da baixa participação dos alunos.
- g () O grêmio não faz o que pode, principalmente pela baixa participação dos alunos.
- h () O grêmio faz o que pode pelos alunos, apesar das dificuldades impostas pelo regimento escolar.
- i () O grêmio faz o que pode pelos alunos, apesar das aberturas existentes no regimento escolar.
- j () O grêmio mais atrapalha do que ajuda quanto as reivindicações dos alunos.
- l- () O grêmio deve ficar com a organização de jogos e entretenimentos culturais deixar as outras necessidades por conta dos próprios alunos.
- m () Os grêmios devem ser substituídos pelos representantes de classe.
- n () Os representantes de classe devem ser independentes dos grêmios.
- o () Os grêmios devem ser formados de acordo com a administração escolar.
- p () Os grêmios estudantis e as representações de classe são instituições exclusivas dos alunos e devem existir independentemente da administração escolar.

24. Quanto à administração escolar::

Siga as instruções anteriores, assinalando 1 e 2

1- concordo, 2- discordo.

a () Os interesses da instituição escolar são uns e os interesses dos alunos são outros.

b () A atuação da administração escolar deve se restringir à garantia de condições físicas e do cumprimento do calendário escolar.

c () A atuação da administração escolar pode e deve ser no sentido de ajudar os educandos a organizarem por exemplo o grêmio estudantil.

d () Para o desenvolvimento dos interesses dos educandos e da unidade escolar a administração escolar pode e deve manter relações cordiais com o grêmio estudantil.

e () Para o desenvolvimento dos interesses dos educandos e da unidade escolar o grêmio estudantil pode e deve manter relações cordiais com a administração escolar.

25. Existe um local destinado às reuniões e trabalhos do grupo de alunos que fazem parte do grêmio estudantil?

() sim

() não

Se a resposta for sim, por favor descreva o local:

26- O grupo de alunos que fazem parte do grêmio estudantil reúne-se:

() uma vez por semana

() quinzenalmente

() uma vez por mês

() não se reúnem

27- O horário destinado às reuniões do grupo de alunos que fazem parte do grêmio:

- () horário de aulas dos integrantes do grupo
- () nos intervalos
- () em período distinto ao horário de aula dos integrantes do grupo
- () aos sábados
- () aos domingos
- () não acontecem

28- Pensando sobre aspectos gerais da sua vida, ESCOLHA OS CINCO ASSUNTOS, entre os abaixo relacionados, que você considera mais importantes de serem resolvidos pela sociedade.

Responda do MAIS IMPORTANTE para MENOS IMPORTANTE.

- () Segurança
- () Habitação
- () Desigualdade
- () Transportes
- () Saúde
- () Educação
- () Fome
- () Condições para sua educação
- () Desemprego

Atenciosamente,

Aparecida da Graça Carlos

Estudante da Pós- Graduação do Programa: Educação, História, Política e Sociedade. P.U.C./SP - 2005 e 2006

**ANEXO II : DADOS DA PESQUISA COM DIRIGENTES DO GRÊMIO
ESTUDANTIL.**

ESCOLA B,C, D

PESQUISA/ QUESTÕES/1º SEM DE 2006

Prezado(a) aluno(a) do Ensino Fundamental e Ensino Médio,

Eu, Aparecida da Graça Carlos, professora da rede estadual de ensino estou realizando uma pesquisa com o objetivo de conhecer melhor a participação dos jovens no “Grêmio estudantil”. Nesse sentido, esse estudo busca indicar caminhos alternativos para enfrentarmos as dificuldades e ou indicar dados que nos façam refletir sobre o papel do grêmio estudantil nas unidades escolares. Para tanto, necessito conhecer quem são esses jovens e como se relacionam com os grêmios estudantis.

O questionário foi formulado de maneira a não identificar quem o responder.

Todas as questões visam apenas à coleta de informações ou de opiniões: como vivem, com quem convivem, onde trabalham o seu conhecimento e avaliação sobre o “grêmio estudantil” (o que é, qual a finalidade, como atua), sua opinião sobre assuntos gerais e, finalmente, seus interesses e planos para o futuro.

Contamos com a sua franqueza e paciência em responder o questionário.

Leia com atenção antes de responder as questões. **Não há respostas certas ou erradas. Por favor, não deixe nenhuma questão sem resposta!**

1. Qual série você cursa atualmente ?

ESC. I (13 ENTREVISTADOS): 2ºANO DO ENS. MÉD. = 13

ESC. II (09 ENTREVISTADOS) : 1º ANO EM = 02/ 2º ANO EM = 02 / 3º ANO EM = 05

ESC. III (07 ENTREVISTADOS): 1º ANO DO EM.= 01, 2º ANO DO EM= 04 , 3º ANO DO EM = 02

2. Sexo:

Feminino = 11

Masculino= 18

3. Em que ano você nasceu?

1988 = 12

1989 = 09

1990 = 06

1991 = 05

4. Você trabalha?

Sim = 07

No momento não, mas já trabalhei = 05

Nunca trabalhei = 05

Nunca trabalhei, mas estou procurando trabalho = 12

5. Você já concluiu o ensino fundamental?

sim = 29

não = 00

Se já concluiu, quanto tempo levou para cursá-lo?

Menos de 8 anos (obs; na escola pública existe o processo de reclassificação do aluno por defasagem de idade-série, através de uma prova ou inserção do aluno no projeto 'aceleração' dependendo do aproveitamento do aluno ele pode ser matriculado na série que seja compatível com a sua idade.

8 anos = 20

9 anos = 09

10 anos.01

11 anos.01

Mais de 11 anos

6. É a primeira vez que participa da diretoria de um grêmio estudantil?

sim = 29

não =

7. Antes do grêmio estudantil, você já havia participado de alguma outra organização social, política ou cultural tais como:

Associação de Amigos de Bairro

Centro Comunitário

Conselho de Escola = 02

Partido político =01

Grupo teatral =03

outros.....

Não participou de nenhuma outra associação = 26

8. A sua participação no grêmio estudantil, levou-o (a) participar de outra organização social ou cultural?

sim = 03

não = 26

Se a sua resposta é sim, qual ou quais organização política, cultural ou social você participa hoje?

Um aluno respondeu sim, associação de bairro e centro comunitário.

9. Sobre sua casa:

		Não
É própria	21	08
É alugada	07	21
É em rua calçada ou asfaltada?	24	05
Tem água corrente da torneira?	27	02
Tem eletricidade?	27	02
Tem rede de esgoto?	25	04
Tem serviço de correio	27	02

10 Marque com **X** até quando seu pai e sua mãe estudaram?

	Pai	Mãe
Não estudou.		
Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).	04	02
Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).	09	08
Ensino médio (2º grau) incompleto.	04	06
Ensino médio (2º grau) completo.	06	06
Ensino superior incompleto	02	02
Ensino superior completo.	02	
Pós-graduação		
Não sei	02	02

11. Marque com um “X” em que seu pai e sua mãe trabalham ou trabalharam, na maior parte da vida?

	Pai	Mãe
Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.	01	02
Na indústria.	06	01
No comércio, banco, transporte ou outros serviços.	10	05
Funcionário público do governo federal, estadual ou do município, ou militar.	05	04
Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior.	01	
Trabalhador do setor informal(sem carteira assinada).	03	02
Trabalha em casa em serviços(costura, cozinha, aulas particulares, etc.)		06
No lar.		04
Não trabalha.		02
Não sei.	03	02
NÃO RESPONDEU	01	01

12. Somando a sua renda e das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar?

Nenhuma renda	De R\$ 1.501,00 a R\$ 3.000,00 = 09
De R\$ 50,00 Até R\$ 300,00 = 02	De R\$ 3.001,00 a R\$ 6.000,00
De R\$ 301,00 a R\$ 600,00 = 02	De R\$ 6.001, 00 a R\$ 9.000,00=01
De R\$ 601,00 a R\$ 900,00 = 03	De R\$ 9.001,00 a R\$ 15.000,00=01
De R\$ 901,00,00 a R\$ 1.500,00 = 10	Mais de R\$ 15.000,00.
NÃO RESPONDEU = 01	

13. Assinale qual a quantidade disponível em sua casa de cada um dos seguintes itens:

	Não tem	1	2	3 ou mais
Televisão		06	13	06
Videocassete	16	13		
DVD	02	24	03	
Rádio		17	11	01
Microcomputador	16	13		
Automóvel	12	15	01	01
Máquina de lavar roupa	05	21	05	
Geladeira		23	06	
Telefone fixo	01	20	03	
Telefone celular	05	12	05	07
Acesso à Internet	21	06	01	01
Televisão por assinatura	26	02	01	
empregada	18	11		
aspirador de pó	16	14		
freezer	13			

As questões 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20, estão organizadas em forma de escala. São 7 espaços dentro do qual deverão ser avaliados os aspectos que queremos.

Nas páginas seguintes você encontrará questões que dizem respeito a sua participação no grêmio estudantil, assim como a sua relação enquanto membro de tal agremiação com os demais setores da comunidade escolar. A cada questão deverá seguir logo abaixo algumas escalas, cada uma com dois adjetivos opostos, um em cada ponta.

Você irá responder fazendo um X em cada escala para mostrar o que 'o segmento (no alto da página) quer dizer para você.

Exemplo:

ESCOLA

necessária	X							desnecessária
------------	----------	--	--	--	--	--	--	---------------

1- Se você marcar no 1º espaço (como aí) é que você acha que a escola é **sempre** necessária. Se você marcar no último espaço, assim:

necessária							X	desnecessária
------------	--	--	--	--	--	--	----------	---------------

é que você acha que escola é **sempre** desnecessária.

2- Se você achar que escola é na **maioria das vezes**, mas não sempre necessária, você marca assim:

necessária		X						desnecessária
------------	--	----------	--	--	--	--	--	---------------

Se você achar que é na **maioria das vezes** desnecessária, marque assim:

necessária						X		desnecessária
------------	--	--	--	--	--	----------	--	---------------

3- Se você achar que escola é **às vezes** necessária, você marca assim:

necessária			X					desnecessária
------------	--	--	----------	--	--	--	--	---------------

Ou se é **às vezes** desnecessária, assim:

necessária					X			desnecessária
------------	--	--	--	--	----------	--	--	---------------

4- Mas se você achar que a escola **não é nem** necessária **nem** desnecessária, marque assim:

necessária				X				desnecessária
------------	--	--	--	----------	--	--	--	---------------

Ao responder as questões deixe que os seus sentimentos guiem suas respostas.

ASSINALE APENAS UM ESPAÇO, o que estiver mais próximo dos seus sentimentos.

14. Você considera a sua participação no grêmio estudantil:

produtiva	15	09	02		01			improdutiva
estável	16	08	02	01				instável
constante	09	12	06	02				inconstante
previsível	02	11	08	03		01		imprevisível
cooperativa	14	08	04					competitiva
calorosa	03	13	10	01				fria
importante	19	07	03					insignificante
satisfatório	17	05	07					insatisfatório
reconhecido	07	12	06					não reconhecido

15. A sua relação com os colegas do grêmio é:

amistosa	19	04	03	01				não amistosa
convergente	08	11	05					divergente
afetiva	07	14	05	01				sem afeto
produtiva	15	08	03					improdutiva
estável	10	15	02					instável
constante	11	13	04					inconstante
justa	16	07	03					injusta
previsível	11	09	06	02				imprevisível
cooperativa	12	08	04					competitiva
calorosa	12	07	08	02				fria

16. A sua relação com os colegas de classe e demais colegas de escola é:

amistosa	14	07	02	03				não amistosa
convergente	05	14	03	02				divergente
afetiva	13	07	02	04	02			sem afeto
produtiva	08	08	07	03				improdutiva
forte	14	03	04	05			01	fraca
estável	09	11	02	03	01			instável
constante	11	07	04	02		01	01	inconstante
previsível	05	12	07	04			01	imprevisível
cooperativa	12	07	04	02	02			competitiva
calorosa	10	07	04	06		01		fria

17. A sua relação com os professores da escola, de forma geral é:

fácil	10	13	03	01				difícil
simples	16	10	01	01			01	complicado
tolerante	09	15	02	01			01	intolerante
incentivadora	11	09	07	01				refreadora
boa	14	08	05					ruim
continua	08	13	05	01				truncada
estável	14	09	04	01				instável
previsível	09	12	06	02				imprevisível
produtiva	14	11	02					improdutiva
cooperativa	13	09	04	01				competitiva

18. A sua relação com o professor coordenador da escola é:

fácil	16	06	03	02				difícil
simples	16	08	02	01				complicado
tolerante	15	06	03	01				intolerante
incentivadora	15	11	04					refreadora
boa	21	05	02					ruim
continua	12	08	07					truncada
estável	13	09	05					instável
previsível	12	09	05	01				imprevisível
produtiva	16	09	02					improdutiva
cooperativa	17	07	04					competitiva

19. A sua relação com a direção da escola é:

fácil	10	08	06	02		01		difícil
simples	11	09	04	02	01			complicado
tolerante	09	10	03	04	01			intolerante
incentivadora	09	09	05	03				refreadora
boa	15	07	04	01	01			ruim
continua	06	13	06	02				truncada
estável	11	10	06	01	01			instável
previsível	08	09	08	02				imprevisível
produtiva	11	08	08	02				improdutiva
cooperativa	13	10	03	02	01			competitiva

20. A sua relação com funcionários da secretaria e inspetor da escola é:

fácil	14	06	04	02			01	difícil
simples	15	03	06	02			01	complicado
tolerante	09	09	03	03	03			intolerante
incentivadora	10	07	06	03	01			refreadora
boa	15	03	07	03			01	ruim
continua	11	05	07	04				truncada
estável	10	11	04	01	01			instável
previsível	08	08	09	02				imprevisível
produtiva	10	07	06	04		01		improdutiva
cooperativa	12	06	05	01	03			competitiva

21. Enumere 3 aspectos que mais lhe dão satisfação ao participar do grêmio estudantil: (mais satisfatório para menos no satisfatório)

1º Melhor entrosamento com outros alunos; Compreensão; Satisfação de desenvolvimento pedagógico; Satisfação de ajudar os alunos (04); Ajudar a escola(09); Satisfação pela colaboração dos alunos(02); Obter resultados; Impor os meus conhecimentos para um bom trabalho(1); 1º A alegria dos alunos ao ver novidades(1); Execução dos projetos(2); Realizar projetos que os alunos sempre almejavam mas nunca tiveram espaço(1); Poder ser o porta voz dos alunos(2);

2º poder fazer coisas melhores pelos alunos; Participação; satisfação de melhor desenvolvimento da escola(04); Ajudar a resolver problemas (02); Satisfação do resultado; maior participação dos alunos(03); Trabalhar em equipe; melhorar o aspecto da escola(2); poder incentivar os alunos a estudar(1); ajudar os alunos(3); Olhar algo errado e ajudar a arrumar(1); Adquirir mais experiências com o grupo(1); Fazer com que as pessoas fiquem mais unidas(3); Representar os alunos(2); Poder fazer festa na escola(1); Organizar eventos esportivos(1);

3º Saber tudo o que acontece na escola; Simplicidade de todos; Desenvolver projetos(02); Melhorar o ensino que esta precisando; Desenvolvimento dos alunos; Ajudar a mim mesmo; Participar de quase todas as atividades escolares(02); Maior

entrosamento com os alunos; reivindicação de direitos(2); Incentivar os alunos a preservarem a escola(1);Ajudar em eventos(2);Buscar valores e melhorias para o objetivo do grupo em relação aos projetos escolares(1); representar os alunos perante a direção(3); Se preocupar com o bem estar dos alunos(1); A discussão de novas idéias(2); Fazer o que os alunos sempre pediram para a direção e ela nunca fez(1); Ter um bom relacionamento com todos dentro da escola(1);

22. Enumere os 3 aspectos que mais lhe dão insatisfação ao participar do grêmio estudantil: (do mais insatisfatório para menos insatisfatório)

1º Falta de colaboração(04); Desinteresse do pessoal do grêmio; Não compreensão dos alunos(02); A falta de respeito dos alunos(02);

1º O não reconhecimento do nosso trabalho(1); A Falta de vontade do próprio grupo e da escola (2); As vezes a direção demora muito em nos atender(2); Falta de ajuda da direção da escola(1);

1º Alunos do grêmio que foram transferidos pela direção(1); Falta de espaço para realizar os projetos(2); Falta de empolgação que havia no início(1); Não ser ouvido(1); Desunião do grupo(1);

2º Falta de interesse dos alunos; Insatisfação dos alunos com o nosso trabalho(03); não chegar ao objetivo(02); A falta de colaboração dos alunos(02); A falta de incentivo;

2º A falta de incentivo dos alunos(1); A péssima colaboração dos alunos(1); Dificuldade de expressão de alguns integrantes do grêmio na hora de expor seus objetivos(1);

O não reconhecimento dos alunos(1); A marcação dos alunos(1);A direção não nos escuta quando queremos falar(1).

2º Não ter espaço com a direção(3);Não conseguir realizar os projetos(1); Falta de apoio(1); Falta de tempo(1);

3º A enorme falta de educação (02); Discussões sem motivos aparentes; A Falta de reconhecimento dos alunos; Falta de colaboração dos alunos(02); Vandalismo;

3º A pouca participação de alguns integrantes do grupo(1); O comportamento dos inspetores(1); A falta de cooperação dos professores(1); A direção não demonstra interesse nos nossos projetos(1);

3º Falta de interesse de alguns integrante(1); O desrespeito(1); Perder muita aula para poder participar das reuniões(1); Não conseguir falar com a direção(1); falta de verba para a realização dos projetos(1); Desorganização(1).

PARA RESPONDER AS QUESTÕES 23 E 24: Em cada um dos itens abaixo, escreva o número que mais se aproxima da **sua opinião**.

1. discordo ou 2. concordo

23. Quanto ao grêmio estudantil:

a – O grêmio estudantil faz o que pode pelos alunos, principalmente pela boa atuação dos componentes do grupo. (1)= 03 (2)=26

b- O grêmio faz o que pode pelos alunos, apesar da péssima atuação do grupo.
(1)= 16 (2)= 13

c- O grêmio não faz o que pode pelos alunos, apesar da boa atuação do grupo
(1)= 21 (2)= 10

d-O grêmio não faz o que pode, apesar da ampla participação dos alunos.
(1)=18 (2)= 11

e-O grêmio faz o que pode, apesar da ampla participação dos alunos.
1)= 09 (2)= 19

f-O grêmio faz o que pode, apesar da baixa participação dos alunos.
1)= 09 (2)= 20

g- O grêmio não faz o que pode, principalmente pela baixa participação dos alunos.
1)= 18 (2)= 11

h-O grêmio faz o que pode pelos alunos, apesar das dificuldades impostas pelo regimento escolar.

1)= 03 (2)= 26

i-O grêmio faz o que pode pelos alunos, apesar das aberturas existentes no regimento escolar.

1)= 12 (2)= 20

j-O grêmio mais atrapalha do que ajuda quanto as reivindicações dos alunos.

1)=27 (2)=02

l-O grêmio deve ficar com a organização de jogos e entretenimentos culturais deixar as outras necessidades por conta dos próprios alunos.

1)= 18 (2)= 11

m-Os grêmios devem ser substituídos pelos representantes de classe.

1)= 19 (2)=05

n-Os representantes de classe devem ser independentes dos grêmios.

1)= 10 (2)= 19

o-Os grêmios devem ser formados de acordo com a administração escolar.

1)= 16 (2)= 13

p- Os grêmios estudantis e as representações de classe são instituições exclusivas dos alunos e devem existir independentemente da administração escolar.

1)= 09 (2)= 19

24. Quanto à administração escolar::

Siga as instruções anteriores, assinalando 1 e 2

1- concordo, 2- discordo.

a- Os interesses da instituição escolar são uns e os interesses dos alunos são outros. (1)= 20 (2)=09

b- A atuação da administração escolar deve se restringir à garantia de condições físicas e do cumprimento do calendário escolar.

(1)= 13 (2)= 19

c- A atuação da administração escolar pode e deve ser no sentido de ajudar os educandos a organizarem por exemplo o grêmio estudantil.

(1)= 26 (2)= 03

d- Para o desenvolvimento dos interesses dos educandos e da unidade escolar a administração escolar pode e deve manter relações cordiais com o grêmio estudantil. (1)= 24 (2)= 05

e- Para o desenvolvimento dos interesses dos educandos e da unidade escolar o grêmio estudantil pode e deve manter relações cordiais com a administração escolar. (1)= 27 (2)= 02

25. Existe um local destinado às reuniões e trabalhos do grupo de alunos que fazem parte do grêmio estudantil?

Sim = 16 Não= 13

Se a resposta for sim, por favor descreva o local:

Laboratório da escola que se encontra desativado, os que responderam que não entendem que este espaço não é local destinado ao trabalho do grupo, pois o mesmo só pode ser ocupado eventualmente.

Casa de um dos membros do grêmio.

26- O grupo de alunos que fazem parte do grêmio estudantil reúne-se:

uma vez por semana= 24

quinzenalmente=

uma vez por mês=03

não se reúnem=02

27- O horário destinado às reuniões do grupo de alunos que fazem parte do grêmio:

horário de aulas dos integrantes do grupo= 03

nos intervalos=08

em período distinto ao horário de aula dos integrantes do grupo= 12

aos sábados=

aos domingos=

não acontecem=01

28- Pensando sobre aspectos gerais da sua vida, ESCOLHA OS CINCO ASSUNTOS, entre os abaixo relacionados, que você considera mais importantes de serem resolvidos pela sociedade.

Responda do MAIS IMPORTANTE para MENOS IMPORTANTE.

Segurança = 23

Habitação= 08

Desigualdade = 13

Transportes=08

Saúde= 21

Educação=17

Fome = 16

Condições para sua educação=11

Desemprego=21

Atenciosamente,

Aparecida da Graça Carlos

Estudante da Pós- Graduação do Programa: Educação, História, Política e
Sociedade. P.U.C./SP – 2005.

**ANEXO III – CÓPIA DO DIÁRIO OFICIAL QUE REGULAMENTA E
DEFINE CRITÉRIOS PARA CONCESSÃO DO BÔNUS AOS
INTEGRANTES DO QUADRO DE MAGISTÉRIO**

**ANEXO IV- CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONOMICA BRASIL
(CCEB), 2003**

Critério de Classificação Econômica Brasil (2003) – CCE

O CCEB foi produzido pela ANEP, aprovado pela ABA e aceito pela ABIPEME. Este sistema tem como função, tal como o método ABA/ABIPEME, estimar o potencial de compra das famílias e segmentar o mercado em classes econômicas. Contudo, não se pretende dividir a sociedade em classes sociais. O critério Brasil, atualizado em janeiro de 2003, é muito parecido com a metodologia ABA/ABIPEME. Permanece o sistema de atribuição de pontos a quantidade de determinados itens que o indivíduo possui, porém, são considerados 10 itens e não mais 8 itens como critério anterior. Acrescenta-se o freezer e o DVD/vídeo. Além disso, os estratos A e B são subdivididos em dois: A1, A2, B1, B2. as tabelas 4,5 e 6 a seguir resumem o método.

Itens	Não tem	Tem 1	Tem 2	Tem 3	Tem 4 ou +
Tv	0	2	3	4	5
Radio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Carro	0	2	4	5	5
Empregada	0	2	4	4	4
Aspirador	0	1	1	1	1
Maq. Lavar	0	1	1	1	1
Vídeo/Dvd	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer	0	1	1	1	1

Pontuação do Critério Brasil

Analfabeto / primário incompleto	0
Primário completo / ginásial incompleto	1
Ginásial completo / colegial incompleto	2
Colegial completo / superior incompleto	3
Superior completo	5

Pontuação para grau de instrução do Chefe de família no Critério Brasil.

Classe	Pontos
A1	30---34
A2	26---29
B1	21---24
B2	16---20
C	11---16
D	6---10

Pontuação de Corte no Critério Brasil

Fonte: Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa